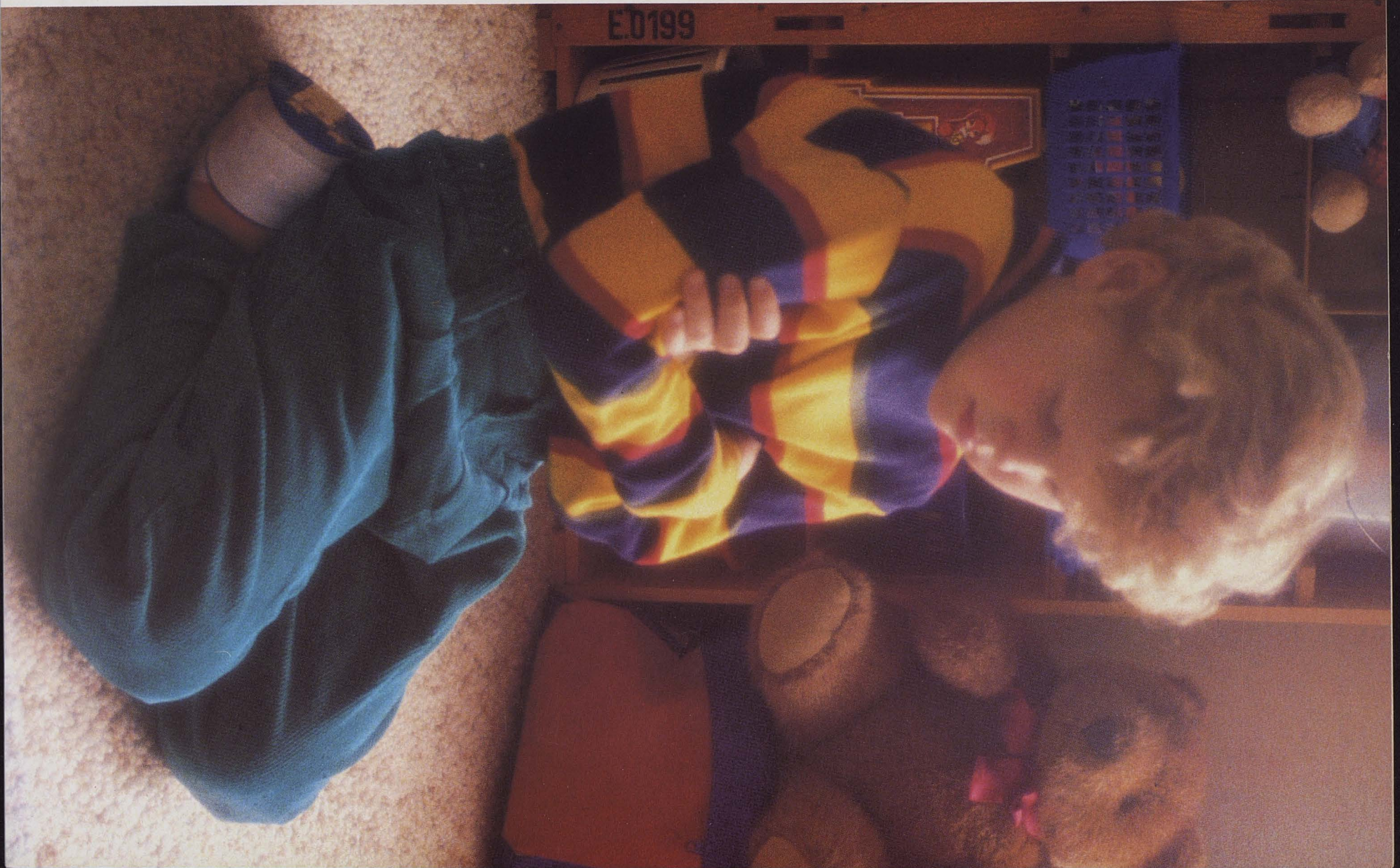


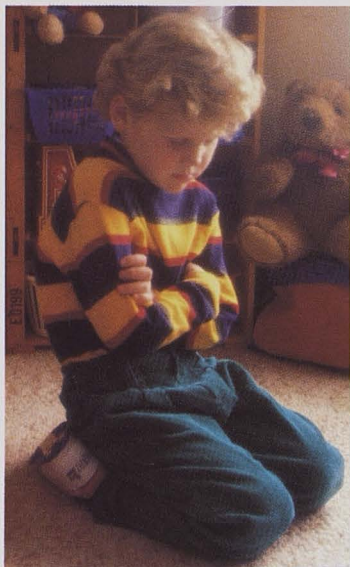
# A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • FEVEREIRO DE 1992



# A LIAHONA

FEVEREIRO 1992



#### Na Capa:

Os pais "ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor" (D&C 68:28). Vide "Como Orar", página 31, e "Oração — Tente Novamente", Seção Infantil, página 4.

#### Capa da Seção Infantil:

Quando oramos, falamos com o Pai Celestial. Há vários artigos sobre a oração na Seção Infantil deste mês.

## DESTAQUES

<b>MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: MINHA GALERIA PESSOAL DA FAMA</b> PRESIDENTE THOMAS S. MONSON .....	2
<b>ENCONTREI MEU PAI</b> SERGE M. AINSA .....	8
<b>ATRÁS DO MURO: A IGREJA NA ALEMANHA ORIENTAL,</b> GAROLD E NORMA DAVIS .....	12
<b>COMO TIRAR PROVEITO DA TV</b> JEANENE R. FLAKE .....	22
<b>"PROFETIZAMOS DE CRISTO"</b> BRUCE A. VAN ORDEN .....	26
<b>TEMAS DAS ESCRITURAS: SEGUNDO CONCURSO INTERNACIONAL DE ARTE</b> GLEN M. LEONARD .....	36

## ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

<b>COMO ORAR</b> .....	31
<b>COISAS ETERNAS</b> RICHARD M. ROMNEY .....	32
<b>É MARAVILHOSO DIZER "SOU MÓRMON"</b> YESSENIA MENESES FALLA .....	44
<b>UMA ORAÇÃO NA FAVELA</b> DEBBIE PEARCE .....	46

## DEPARTAMENTOS

<b>COMENTÁRIOS</b> .....	1
<b>MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: CARIDADE: UM MODO DE VIVER</b> .....	25

## SEÇÃO INFANTIL

<b>HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: A FUGA DO POVO DE ALMA</b> .....	2
<b>ORAÇÃO — TENTAI OUTRA VEZ</b> ÉLDER H. BURKE PETERSON .....	4
<b>MÚSICA: REVERÊNCIA É AMOR</b> MAGGIE OLAUSON .....	5
<b>COMPARTILHAR BONS MOMENTOS</b> AGNES KEMPTON .....	6
<b>SÓ PARA DIVERTIR</b> .....	8
<b>TEMPO DE COMPARTILHAR: COMO JOÃO APRENDEU A ORAR</b> .....	9
<b>UMA ORAÇÃO PARA URSO</b> VICKI H. BUDGE E MIKE BUDGE .....	12
<b>DANIEL NA COVA DOS LEÕES</b> TRYN PAXTON .....	14
<b>FAZER AMIGOS: CONVERSAR COM O PAI CELESTIAL</b> JULIE WARDELL .....	16

**A Primeira Presidência:**  
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S.  
Monson

**Quorum dos Doze:**  
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L.  
Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A.  
Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell  
Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

**Consultores:**  
Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, John H. Groberg,  
Robert E. Wells  
**Editor:** Rex D. Pinegar  
**Diretor Gerente do Departamento de Currículo:** Ronald L.  
Knighton  
**Diretor de Revistas da Igreja:** Thomas L. Peterson

**International Magazines:**  
**Editor Gerente:** Brian K. Kelly  
**Editor Gerente Assistente:** Marvin K. Gardner  
**Editor Associado:** David Mitchell  
**Editora Assistente/Seção Infantil:** De Anne Walker  
**Controlador:** Diana W. Van Staveren  
**Supervisão de Arte:** M. M. Kawasaki  
**Diretor de Arte:** Scott D. Van Kampen  
**Desenho:** Sharri Cook  
**Produção:** Reginald J. Christensen, Steve Dayton,  
Jane Ann Kemp, Denise Kirby  
**Gerente de Circulação:** Joyce Hansen

**A Liahona:**  
**Diretor Responsável e Produção Gráfica:** Dario Mingorance  
**Editor:** Paulo Dias Machado  
(Reg. 8966-35-02 - RJ)  
**Tradução e Notícias Locais:** Flávia G. Erbolato  
**Assinaturas:** Carlos Tadeu de Campos

**REGISTRO:** Está assentado no cadastro da **DIVISÃO DE  
CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob  
n.º 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.**

**SUBSCRIÇÕES:** Toda a correspondência sobre assinaturas  
deverá ser endereçada ao:

**Departamento de Assinaturas**  
Caixa Postal 26023  
05599, São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr\$ 6.000,00;** para  
Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua  
Aquiles Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual  
Esc. 500; para o exterior, simples: **US\$ 5,00;** aérea,  
**US\$ 10,00.**

Preço de exemplar em nossa agência: **Cr\$ 500,00.**  
As mudanças de endereço devem ser comunicadas  
indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1991 pela Corporação do Presidente de  
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.  
Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do  
"International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos  
Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número  
93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras  
de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de  
9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de  
Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada  
mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês,  
finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano,  
norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e  
tonganês; bimensalmente em indonês, taitiano e tailandês;  
e trimestralmente em islandês.

Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. - Rua  
21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à  
orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito  
de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não  
obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação  
da redação e da equipe internacional do "International  
Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos  
correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

**Redação e Administração:** Av. Prof. Francisco Morato,  
2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by  
The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East  
North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class  
postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional  
mailing offices. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per  
single copy. Thirty days' notice required for change of  
address. When ordering a change, include address label  
from a recent issue; changes cannot be made unless both the  
old address and the new are included. Send U.S.A. and  
Canadian subscriptions and queries to Church Magazines,  
50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150,  
U.S.A. Subscription information telephone number 801-  
240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at  
50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150,  
U.S.A.

## FORTELECIMENTO DO REINO

Eu gostaria de expressar a grande  
apreciação dos membros da Igreja na  
França, pela aparência atualizada de  
*L'Etoile* (francês). Foi uma grande  
mudança, muito bem recebida. Obrigado  
por sua importante contribuição para o  
fortalecimento do reino, publicando a  
revista em várias línguas.

Neil L. Andersen

Presidente da Missão França Bordeaux

## MAIOR VARIEDADE

É com prazer que digo que *A Liahona*  
(português) é espetacular, e que nos  
sentimos edificados com os artigos que  
lemos. As fotografias da capa são bem  
planejadas, com gravuras muito bem  
escolhidas.

Gostaria de sugerir que, sempre que  
possível, fossem publicadas fotografias dos  
profetas anteriores, tanto na seção de  
adultos como na infantil. Nossos filhos  
saberão quem são esses homens, como e  
por que foram chamados para servir ao  
Senhor.

Fotografias dos vários templos  
espalhados pelo mundo também seriam  
uma bela contribuição. Gostaríamos de  
saber tudo a respeito deles — como foram  
construídos, quem os construiu, como são  
seus arredores, em especial os jardins.

Sugerimos ainda artigos mais freqüentes  
sobre o Coro do Tabernáculo. Gosto muito  
de música e sinto-me fascinado pelos corais,  
principalmente o do Tabernáculo. Tive o  
privilegio de ouvi-lo cantar aqui no Brasil  
em 1981, quando participou do "Programa  
para as Américas", em benefício das  
crianças pobres da América do Sul. Devo

meu crescimento na Igreja ao dom da  
música; posso sentir a força espiritual dos  
pioneiros ao cantarem os belos hinos da  
Igreja. Sei que recentemente foi publicado  
um artigo sobre o Coro do Tabernáculo, e  
que há fotografias dele nas edições de  
conferência geral, mas são em preto e  
branco; gostaríamos de saber mais sobre o  
coro em si.

Taylor Samways

Ala de Vila Maria

Estaca São Paulo Brasil Norte.

**NOTA DO EDITOR:** Em edição futura,  
apresentaremos um artigo especial sobre a  
turnê histórica do Coro do Tabernáculo na  
Europa Oriental e na União Soviética. Outra  
edição tratará dos templos que temos no  
mundo.

## UM GUIA ESPIRITUAL

Membro da Igreja há quase trinta anos,  
sempre leio a *Liahona* (espanhol) quando  
vou para o trabalho e ao voltar para casa.  
Lendo a edição de janeiro de 1991, senti  
fortemente o Espírito, dizendo-me que as  
mensagens das Autoridades Gerais na  
conferência são revelações modernas, e  
que devemos usá-las na reunião  
sacramental.

Como presidente do Ramo General San  
Martin, em Mar del Plata, Argentina, vou  
usar tais mensagens, conforme indicou-me  
o Espírito. Posso ver, hoje, a semelhança  
existente entre a *Liahona* — a bússola que  
o profeta Léhi encontrou fora de sua tenda  
— e esta revista.

Fiorino Berardo

Ramo General San Martin

Estaca Mar del Plata, Argentina



# Minha Galeria Pessoal da Fama

**Presidente Thomas S. Monson**  
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

**N**um claro dia de inverno, eu percorria de carro com um amigo a via expressa que liga o centro de Manhattan, Nova York, e o subúrbio de Westchester. Ele me apontou diversos dos locais históricos que sobejam nessa área em que o homem construiu, indiscriminadamente, sua rodovia, cortando a trilha da história.

Subitamente surgiu, como um velho amigo, o Yankee Stadium. Ali estava ele — o estádio dos campeões, o lar dos heróis de minha juventude. Na verdade, muitos rapazes idolatram aqueles homens que, aplaudidos por milhares de torcedores, se destacam soberbamente no jogo de beisebol.

Como era inverno, o estacionamento em torno do estádio estava deserto. Nenhum torcedor, vendedor de amendoim, vendedor de entradas. Continuavam presentes as lembranças de Babe Ruth, Lou Gehrig e Joe DiMaggio. O registro de suas proezas e perícia está assegurado para sempre — eles foram eleitos para a prestigiosa Galeria da Fama do Beisebol.

**O nome de Jesus de Nazaré, o único nome dado aos homens debaixo dos céus, pelo qual devemos ser salvos, ocupa um lugar único de honrosa distinção em nossa Galeria da Fama.**



**Adão, que foi  
"obediente aos  
mandamentos do  
Senhor", está  
aprovado.**

Na vida acontece o mesmo que no beisebol. Lá no fundo de nossa consciência, cada um de nós tem uma galeria particular da fama, reservada exclusivamente aos autênticos líderes que influenciaram o rumo de nossa vida. Relativamente poucos dos muitos homens e mulheres que têm autoridade sobre nós desde a infância até a idade adulta, passam no teste a fim de entrar nessa lista honrosa. Esse escrutínio tem muito pouco a ver com a aparência exterior do poder ou abundância de bens materiais. Os líderes que admitimos nesse nosso santuário particular de meditação reflexiva são geralmente aqueles que conseguiram inflamar-nos o coração com a devoção à verdade, que fazem obediência ao dever mostrar-se como a essência de nosso ser, que transformam alguma ocorrência rotineira numa visão da pessoa a que aspiramos ser.

Por um momento, talvez cada um de nós possa ser juiz pelo qual terá de passar cada candidato à galeria da fama. Quem escolheriam para posições de destaque? Quem eu escolheria? Os candidatos são muitos — a competição acirrada.

Eu indico para a Galeria da Fama o nome de Adão, o primeiro homem que viveu na terra. Sua citação vem de Moisés: "E Adão foi obediente aos mandamentos do Senhor." (Moisés 5:5.) Adão está aprovado.

Por sua paciente perseverança, merece ser escolhido um homem perfeito e justo, de nome Jó. Embora provado como nenhum outro, ele declarou: "Está a minha testemunha no céu, e o meu fiador nas alturas.

Os meus amigos são os que zombam de mim; os meus olhos se desfazem em lágrimas diante de Deus." (Jó 16:19–20.) "... eu sei que meu o Redentor vive." (Jó 19:25.) Jó está aprovado.

Todo cristão escolheria um homem chamado Saulo, mais conhecido como Paulo, o apóstolo. Seus sermões são como maná para o espírito, sua vida um exemplo de serviço abnegado ao próximo. Esse intrépido missionário declarou ao mundo: "Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de

Deus para salvação." (Romanos 1:16.) Paulo está aprovado.

"E, chegando Jesus às partes de Cesaréia de Filipo, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem?

E eles disseram: Uns João Batista, outros Elias, e outros Jeremias ou um dos profetas.

Disse-lhes ele: E vós, quem dizeis que eu sou?

E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo." (Mateus 16:13–16.) Pedro está aprovado.

Vindo de outro tempo e lugar, recordamos o testemunho de Néfi: "Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas." (1 Néfi 3:7.) Sem dúvida, Néfi merece um lugar na Galeria da Fama.

Ainda existe mais um que eu gostaria de propor — o Profeta Joseph Smith. Sua fé, confiança, seu testemunho transparecem em suas próprias palavras, proferidas quando a cadeia de Carthage e inevitável martírio: "Eu vou como o cordeiro ao matadouro; mas estou calmo como uma manhã de verão; para com Deus e os homens, tenho a consciência limpa." (D&C 135:4.) Ele selou seu testemunho com o próprio sangue. Joseph Smith está aprovado.

Depois de escolhidos os heróis, indiquemos igualmente algumas heroínas. Primeiro, aquele nobre exemplo de fidelidade — Rute. Percebendo a dor da sogra pela perda de seus dois excelentes filhos e sentindo, quem sabe, as angústias do desespero e solidão que afligiam a alma de Noemi, Rute proferiu o que se tornaria a clássica declaração de lealdade: "Não me instes para que te deixe, e me afaste de ao pé de ti: porque aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares à noite pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus." (Rute 1:16.) A conduta de Rute provou a sinceridade de suas palavras. Existe um lugar reservado para o nome dela na Galeria da Fama.

**Gostaria de propor o Profeta Joseph Smith por sua fé, confiança, e seu testemunho.**



Porventura não merece indicação mais uma, descendente da nobre Rute? Refiro-me a Maria de Nazaré, esposa de José, destinada a vir a ser a mãe do único homem perfeito que viveu na terra. A aceitação desse papel sagrado e histórico é uma prova de humildade. “Disse então Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra.” (Lucas 1:38.) Maria certamente está aprovada.

Nós poderíamos perguntar: O que faz desses homens e mulheres heróis e heroínas? Eu respondo: A confiança inabalável num Pai Celestial onisciente e um firme testemunho da missão do divino Salvador. Esse conhecimento é como um fio de ouro entrelaçando-se na tapeçaria de suas vidas.

Quem seria esse Rei de Glória, o Redentor, ao qual serviram com fidelidade e pelo qual morreram corajosamente esses heróis e heroínas? É Jesus Cristo, o Filho de Deus, o nosso Salvador.

Seu nascimento foi predito pelos profetas; anjos proclamaram o anúncio de seu ministério terreno. Aos pastores no campo foi feita a gloriosa proclamação: “Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo: Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.” (Lucas 2:10–11.)

Este mesmo Jesus “Crescia, e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele.” (Lucas 2:40.) Batizado por João, no rio conhecido como Jordão, ele iniciou seu ministério oficial junto aos homens. Jesus deu as costas aos sofismas de Satanás. Voltou-se ao dever que lhe fora designado pelo Pai, dedicando-lhe seu coração e entregando por ele a vida. E como foi impoluta, abnegada, nobre e divina essa vida! Jesus trabalhou. Jesus amou, Jesus serviu. Jesus chorou. Jesus curou. Jesus ensinou. Jesus testemunhou. E na amarga cruz, Jesus expirou. De um sepulcro emprestado, Jesus ressurgiu para a vida eterna.

O nome de Jesus de Nazaré, o único nome dado aos homens debaixo dos céus, pelo qual devemos ser salvos,

ocupa um lugar único de honrosa distinção em nossa Galeria da Fama.

Alguém poderá perguntar: Mas qual é o valor dessa lista de ilustres heróis, de uma Galeria particular da Fama? Eu respondo: Quando somos obedientes como Adão, pacientes como Jó, ensinamos como Paulo, testemunhamos como Pedro, servimos como Néfi, esquecemo-nos de nós mesmos como o Profeta Joseph Smith, somos sensíveis como Rute, honrados como Maria e vivemos como viveu Cristo, então nascemos de novo. Todo o poder se torna nosso. O velho eu é lançado fora para sempre e junto com ele os malogros, desespero, dúvidas e descrença. Alcançamos uma novidade de vida — uma vida de fé, esperança, bravura e alegria. Nenhuma tarefa nos assusta com seu tamanho. Nenhuma responsabilidade pesa demais. Nenhum dever é um fardo. Todas as coisas tornam-se possíveis.

Em nossa busca de um exemplo, não precisamos necessariamente remontar a tempos passados ou vultos, que viveram há muito. Permiti-me ilustrar. Atualmente Craig Sudbury tem uma posição importante aqui na Cidade do Lago Salgado; mas voltemos a alguns anos atrás, no dia em que ele e a mãe foram ao meu escritório, antes de sua partida para a Missão, Austrália-Melbourne. Fred Sudbury, pai de Craig, fez-se notar pela ausência. Vinte e cinco anos antes, a mãe de Craig casara-se com Fred, que não compartilhava seu amor pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e, na verdade, nem pertencia à Igreja.

Craig confiou-me seu profundo amor pelos pais e sua íntima esperança de que algum dia, de alguma forma, o pai fosse tocado pelo Espírito e abrisse o coração ao Evangelho de Jesus Cristo. Rogou-me sinceramente que lhe desse uma sugestão. Orei por inspiração a respeito de como esse desejo poderia realizar-se. Recebi a inspiração e disse a Craig: “Sirva o Senhor de todo o coração. Seja obediente ao seu sagrado chamado. Escreva para casa todas as semanas e, ocasionalmente, dirija uma carta a

**Herói nenhum podia  
comparar-se a Craig,  
quando, na Austrália, ele  
ficou ao lado do pai, com**

**água pela cintura, e,  
elevando o braço em  
ângulo reto, repetiu as  
palavras sagradas.**

seu pai, fazendo-o saber que o ama e dizendo-lhe por que é grato de ser seu filho.”

Ele me agradeceu e deixou meu escritório em companhia da mãe. Não veria a mãe de Craig nos dezoito meses seguintes. Então apareceu no escritório e, em frases pontuadas por lágrimas contou-me: “Faz quase dois anos que Craig partiu para a missão. Sua dedicação ao trabalho qualificou-o para cargos de responsabilidade no campo missionário, e ele nunca deixou de escrever-nos uma carta todas as semanas. Recentemente meu marido se levantou, pela primeira vez, numa reunião de testemunho e disse: ‘Todos vocês sabem que não sou membro da Igreja, porém, algo aconteceu dentro de mim desde que Craig partiu para a missão. As cartas dele tocaram-me a alma. Posso compartilhar uma delas com vocês? ‘Querido pai. Hoje ensinamos uma ótima família a respeito do plano de salvação e das bênçãos da exaltação no reino celestial. Lembrei-me de nossa família. Mais do que tudo neste mundo, eu desejaria estar com o senhor e minha mãe nesse reino. Para mim simplesmente não seria o reino celestial, se o senhor não estivesse lá. Sou grato por ser seu filho. Pai, quero que saiba que eu o amo. Seu filho missionário. Craig.’” Então Fred anunciou: ‘Minha mulher não sabe o que planejo dizer. Eu a amo e amo nosso filho Craig. Depois de estar casado vinte e seis anos, tomei a decisão de tornar-me membro da Igreja, pois sei que a mensagem do evangelho é a palavra de Deus. Suponho que há muito eu sabia dessa verdade, porém, a missão de meu filho induziu-me a agir. Fiz os arranjos necessários para minha esposa e eu nos encontrarmos com Craig, quando ele terminar sua missão. O meu será o último batismo dele como missionário de tempo integral do Senhor.’”

Um jovem missionário de fé inabalável havia participado com Deus de um milagre moderno. O desafio de comunicar-se com a pessoa querida fora dificultado pela barreira dos milhares de quilômetros que o separavam do pai, mas o espírito do amor conseguira transpor a vastidão do Pacífico, e dois corações se

entenderam num diálogo divino.

Herói nenhum podia comparar-se a Craig, quando, na longínqua Austrália, ele ficou ao lado do pai, com água pela cintura, e, elevando o braço em ângulo reto, repetiu as sagradas palavras: “Fred Sudbury, tendo sido comissionado por Jesus Cristo, eu te batizo em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.”

As preces de uma mulher, a fé possuída por um pai e o serviço de um filho realizaram o milagre de Deus. Mãe, pai, filho — todos eles fazem jus à Galeria da Fama.

É verdadeiro este pronunciamento divino:

“Eu, o Senhor, sou misericordioso e afável para com aqueles que me temem, e me deleito em honrar aqueles que me servem em retidão e verdade até o fim. Grande será sua recompensa e eterna a sua glória.” (D&C 76:5-6.)

Vivendo assim, estará assegurado nosso lugar na eterna e infinita Galeria da Fama. □

#### **IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES**

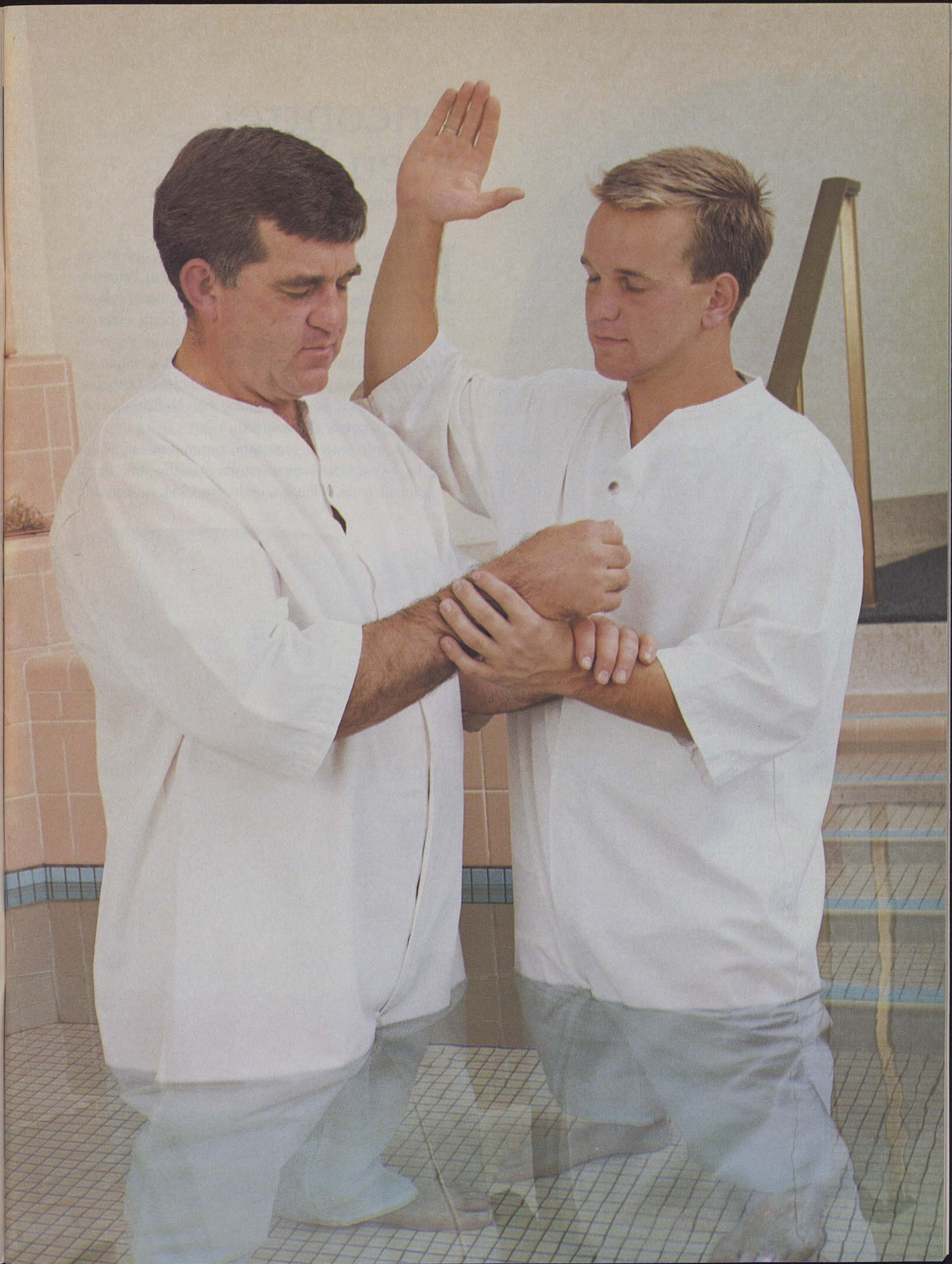
1. As pessoas que influenciam a direção que tomamos na vida são —

- as que nos inflamam o coração com a devoção à verdade;
- as que fazem da obediência ao dever a essência de nosso ser;
- as que transformam uma ocorrência rotineira em algo que reflete nossas aspirações.

2. As escrituras contêm relatos sobre muitas pessoas que podem ser nossos heróis e heroínas, como Adão, Jó, Paulo, Pedro, Néfi, Joseph Smith, Rute, Maria e muitas mais.

3. Contudo, estas pessoas serviram fielmente um herói ainda maior — Jesus Cristo, o Filho de Deus, nosso Salvador e Redentor.

4. Confiança inabalável num Pai Celestial sábio e testemunho firme de Jesus Cristo podem influenciar grandemente nossa vida.





# Encontrei Meu Pai

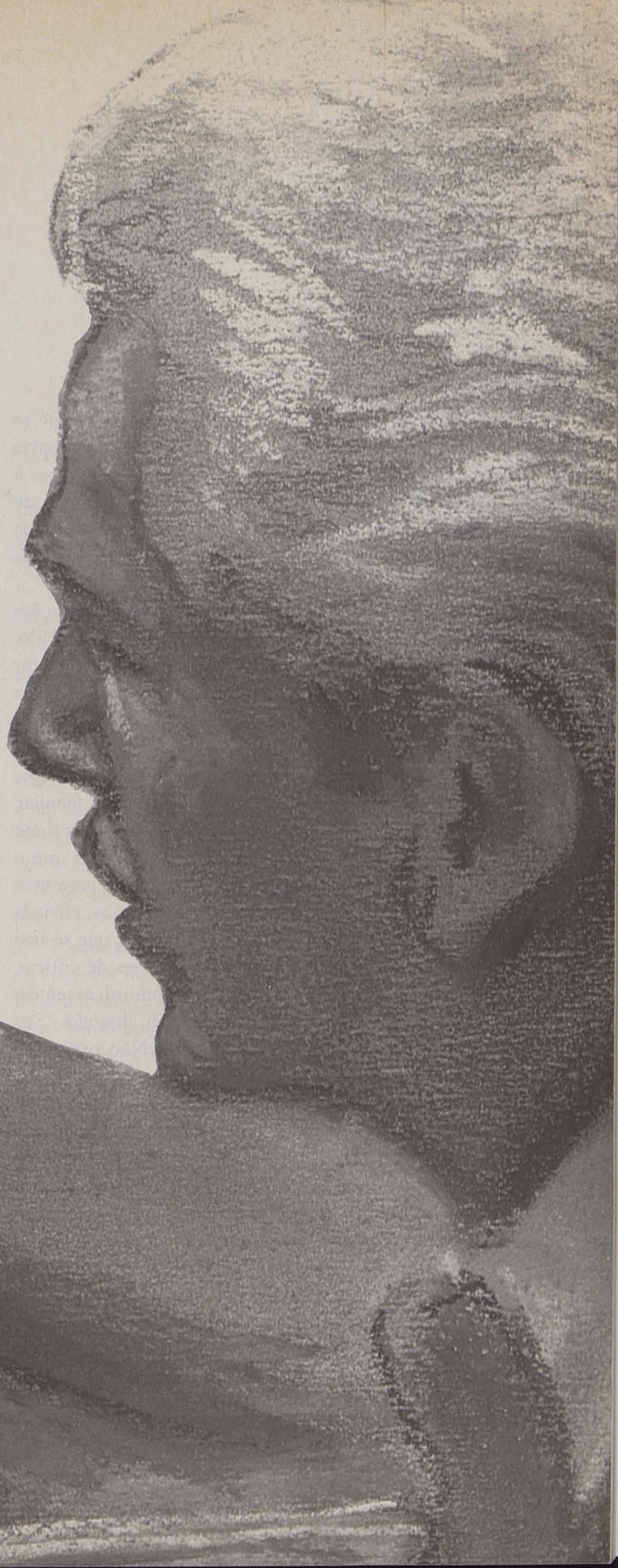
Serge M. Ainsa

**E**m 1950, poucos dias antes do Natal, quando eu tinha seis anos de idade e morava em Palma de Maiorca, na Espanha, da sacada de nossa sala de estar vi um navio que deixava o porto. A bordo estavam meu pai e meu irmão. Comigo, na sacada, estavam minha mãe, e minha irmã. Meu pai, um químico de perfumes, partia à procura de oportunidades no Uruguai, América do Sul, de onde nunca mais voltaria. Anos depois, meus pais se divorciaram.

Nos anos que se seguiram, raramente ouvi falar dele. Nesse meio tempo, minha mãe nos levou para seu país natal, a França, onde, em 1964, fui batizado

na Igreja. Um ano mais tarde segui para a Universidade Brigham Young, em Provo, Utah. Com o passar do tempo servi uma missão, terminei meus estudos e casei-me.

Embora meu pai tivesse ficado quase ausente de meus pensamentos até este ponto de minha vida, logo depois de meu casamento o desejo de pesquisar a história da família de meus ancestrais me fez pensar mais e mais nele. Minha bênção patriarcal me disse que chegaria o tempo em que eu deveria realizar as ordenanças do templo por meus ancestrais, e que os “meios e oportunidades” me seriam dados, para a realização dessa obra.



Depois que entrei para a Igreja, meu irmão, que se mudara para a França, informou-me que meu pai havia juntado acontecimentos, nomes e datas referentes à família Ainsa. Resolvi escrever-lhe, na esperança de obter as informações necessárias para ligar a história da família, de meus avós a meus bisavós paternos. Mandei-lhe uma carta, pedindo detalhes.

Sua resposta consistiu tão somente de informações gerais, e me pedia que eu não voltasse a incomodá-lo. Zanguei-me e fiquei ressentido, mas continuei a orar para que os “meios e oportunidades” necessários para completar minha história da família me fossem fornecidos.

Em março de 1986, enquanto vivíamos no Arizona, meu pai escreveu de novo, durante uma crise familiar, quando minha mãe estava perdendo a visão. Senti-me confortado com os cuidados e a preocupação que o segundo marido de minha mãe demonstrou para com ela, mas ofendido com a carta, cheia de críticas, enviada por meu pai. Mandei-a de volta e disse-lhe que se não pudessemos receber cartas agradáveis, livres de críticas, seria preferível que não mais nos comunicássemos. Depois de três semanas ele me escreveu, dizendo: “Seu irmão o avisará quando eu morrer. Não pretendo escrever-lhe de novo.”

Nove meses se passaram depois que recebi essa carta. Orei novamente sobre a admoestação de minha bênção patriarcal. A resposta veio por meio do Espírito, de forma inequívoca — senti que devia pedir desculpas a meu pai. Conseqüentemente, escrevi-lhe uma missiva de cinco folhas, contando-lhe em detalhes os eventos do ano e incluindo minhas desculpas pelo meu comportamento anterior. Quando despachei a carta, orei para que o Senhor enternecesse o coração de meu pai.

Mais de dois meses se passaram sem que eu tivesse resposta. Finalmente, chegou uma carta registrada. Nela meu pai perguntava: “Será que pode tirar de dez a doze dias de suas férias de verão para vir visitar-me? Se aceitar

o convite, enviar-lhe-ei o dinheiro para ajudar nas despesas.”

Telefonei para meu irmão que estava em Paris; ele sugeriu que eu esperasse um ano, já que meu pai tinha esperado trinta e cinco para tentar me ver, mas ao orar com minha mulher, Angie, lembramos de minha bênção patriarcal e sentimos que meus ancestrais já haviam esperado o suficiente. Eu iria no mesmo ano. O marido de minha mãe se ofereceu para pagar a viagem de Angie, já que não estávamos em condições de fazê-lo. Minha sogra se ofereceu para ficar com nossos quatro filhos em sua casa, na Califórnia.

Tudo correu de acordo com o programado; tudo, exceto minha apreensão. Comecei a imaginar se meu pai não ia ficar criticando minha mãe, minha mulher, ou a mim mesmo. Ele já o tinha feito antes. Como será que eu reagiria desta vez?

Só me senti em paz depois que dois dedicados mestres familiares, aos quais serei eternamente grato, foram à minha casa poucos dias antes de nossa partida e nos deram uma bênção do sacerdócio. Eles abençoaram minha mulher, para que ela fosse uma fonte de inspiração para mim, e abençoaram-me para que eu fosse receptivo aos sussurros do Espírito e soubesse o que dizer. Senti, então, que tudo sairia bem.

Quando chegamos a Montevideú, no Uruguai, procurei nervosamente meu pai e o vi em pé, ao lado da mulher. Ele acenou para mim com a bengala, em sinal de reconhecimento. Acenei de volta. Finalmente, o inspetor de alfândega me liberou. Ao atravessar a porta da alfândega vi meu pai que caminhava na minha direção, ansioso. Abraçamo-nos e beijamo-nos. Ao deixarmos o aeroporto, o Espírito me disse que o homem que estava andando ao meu lado era uma pessoa muito diferente daquela que eu havia imaginado.

Passamos os dias seguintes nos conhecendo, rindo, descobrindo o que tínhamos em comum e tornando-nos amigos. Angie e eu lhe pedimos que gravasse numa fita



**Meu coração começou a bater mais forte quando ele abriu uma gaveta da escrivaninha, tirou dela uma pasta e me passou uma folha de papel.**

suas experiências quando jovem e durante o namoro com minha mãe, e descobrimos muitas coisas sobre o seu passado. Então, certa manhã, Angie e eu oramos para que pudéssemos ser abençoados naquele dia com as palavras certas, ao pedir ao meu pai que nos fornecesse a história da família Ainsa.

Meu pai estava fazendo oitenta e um anos. Depois de abrir os presentes, durante o desjejum, pediu licença e voltou com um objeto escondido debaixo de uma toalha. Estendeu-me uma caixa e disse: "Isto é o mínimo que posso fazer, depois de todos esses anos. Sinto que devo fazer algo para compensá-lo por meu abandono." Dentro da caixa estava um lindo relógio.

Trinta minutos mais tarde, quando estávamos lá em cima, sentados em volta da escrivaninha de carvalho de meu pai, coloquei uma fita virgem no gravador e pedi-lhe que me falasse de meus ancestrais. Ele falou durante alguns minutos, depois parou e disse: "É uma perda de tempo!"

Entrei em pânico e roguei: "Por favor, Senhor, ajude-me. Esperei tanto este momento!" Em seguida perguntei: "Por que o senhor acha que é uma perda de tempo?"

"Porque tenho tudo escrito", replicou. Meu coração começou a bater mais forte quando ele abriu uma gaveta da escrivaninha, tirou dela uma pasta e me passou uma folha de papel com uma lista de nomes. "Estes são os seus ancestrais do lado de meu pai", declarou; "pode usá-la." Examinei-a rapidamente; continha os nomes dos pais, avós e bisavós dele, bem como de parentes distantes.

"E do lado de sua mãe? O senhor compilou uma lista desse lado da família?" Perguntei com um tremor na voz.

"A linhagem de sua avó não é importante", resmungou ele, descartando minha pergunta. Repliquei que se não fosse por minha avó ele não estaria lá, ao que me respondeu: "Bem, se acha que é importante, pode tê-la." Dizendo isso, deu-me um envelope contendo nomes rabiscados em diversas folhas de papel e adicionou: "Aliás, pode ficar com tudo isso." Em seguida, colocou a pasta em minhas mãos.

Eu a abri e, com lágrimas toldando-me a visão, li diversas listas de nomes de parentes distantes. Lá dentro estavam as fotografias de minha avó, meu avô, e outras. Chorei sem nenhum constrangimento. Nos últimos vinte e um anos eu havia orado muitas vezes por aquele dia. O Senhor ouvira minhas súplicas e respondera no tempo apropriado.

"Por que é que você está chorando?" perguntou meu pai.

"Porque estou contente por estar aqui", respondi.

Naquele momento ele também começou a chorar. Deitou a cabeça no meu ombro e tomou minha mão nas suas. "Sinto muito", disse. "Sinto muito pelo que fiz. Eu estava errado. Nunca fui um pai para você. Durante todos estes anos nunca me preocupei em descobrir quem você era. Será que pode perdoar-me?"

"Claro que posso! Está tudo perdoado e esquecido", falei entre soluços. Quando eu o abracei, o Espírito me sussurrou suavemente: "Eu o Senhor, perdô a quem quero perdoar, mas de vós se requer que perdoeis a todos os homens" (D&C 64:10). Estávamos em paz. Todos aqueles anos de separação, solidão e tumulto se desvaneceram. Ele sabia quem eu era. Tinha encontrado um filho, e eu havia finalmente encontrado meu pai. □

*Serge M. Ainsa é membro da Ala Willow Creek, Estaca Prescott Arizona.*

# ATRÁS DO MIURO

Garold e Norma Davis

## A Igreja na Alemanha Oriental

PRIMEIRA PARTE: OS SANTOS ISOLADOS, 1945-1989

**N**a noite de 13 para 14 de fevereiro de 1945, nas últimas semanas da Segunda Guerra Mundial, ataques de surpresa, feitos por bombardeiros aliados, destruíram a parte central de Dresden. Em algum lugar, em meio aos destroços, ficaram os restos da capela do Ramo Altstadt. Foi mais um golpe para o que restava da Igreja na Alemanha.

Tão logo as ruas foram desimpedidas, os membros do ramo bombardeado cruzaram o rio Elbe, pela única ponte que restava, para se reunirem aos membros do Ramo Neustadt, cuja capela havia sido poupada. Esta capela, no entanto, logo foi convertida em dormitório para centenas de refugiados destituídos de lar, de modo que os membros tiveram que se reunir em dois pequenos quartos. O ramo consistia, em sua maioria, de crianças, mães jovens e casais idosos. Quase todos os rapazes e homens de meia idade, que não tinham morrido na guerra, continuavam no exército alemão ou nos campos de concentração, como prisioneiros de guerra.

“Não havia eletricidade. . . . Tínhamos que andar dois quilômetros para conseguir água. . . . Depois de três dias apareceu um caminhão com pão. . . . Foi-nos permitido revolver os entulhos de uma fábrica de enlatados, à procura de latas de alimento. . . . Os jovens organizaram projetos de serviço, na tentativa de arranjar comida para os idosos. Visitamos os membros do ramo em seus lares e realizamos devocionais e serões. Nas reuniões permanecíamos encasacados e envolvidos em cobertores. . . . Havia gratidão e muita esperança em nossos corações, pois sabíamos que o Senhor não haveria de esquecer seu povo. . . . Foi uma época de muita fé e de

harmonia interior” (Carta para os autores, de Edith Krause, 21 de fevereiro de 1990).

Para compreender o impacto desta devastação, é importante entender que as unidades da Igreja na Saxônia, estado ao sul da Alemanha, eram mais antigas que muitas alas de Utah. Em Dresden, por exemplo, havia um ramo em contínua operação desde 1855, época na qual um jovem converso, Kark G. Maeser, serviu como seu primeiro presidente. (Em 1875, Maeser se tornou diretor da Academia Brigham Young, hoje Universidade Brigham Young, em Provo, Utah.)

O que aconteceu nestes dois ramos de Dresden foi, de maneira geral, um exemplo do que aconteceu com os trinta ou mais ramos espalhados na parte oriental da Alemanha.

### COMEÇA A RECONSTRUÇÃO

Logo depois da guerra, começaram a chegar missionários na Europa Ocidental, para ajudar a reconstruir a Igreja destruída pela guerra, mas os membros da Zona de Ocupação Russa, como era então chamada, esperaram em vão. Levaria mais de quarenta anos para que os santos dessa região, mais tarde denominada República Democrática Alemã, tornassem a ver missionários de tempo integral que não fossem de seu próprio país. Os membros ficaram isolados do resto da Igreja.

Nos anos que se sucederam à guerra, a tarefa mais premente dos líderes locais foi a de descobrir os membros espalhados, cuidar deles, e edificar os ramos que restavam. Esta última tarefa precisava da força de jovens portadores do sacerdócio e de missionários de tempo integral, mas teve que ser desempenhada por mulheres,



BERLIM, OCIDENTAL, CORTESIA DA FPC INTERNACIONAL



crianças e membros idosos. No entanto, tão logo os portadores do sacerdócio começaram a voltar da guerra e dos campos de concentração, foram chamados para a obra missionária.

Walter Krause foi libertado da prisão no dia 2 de julho de 1945, em Cottbus, perto da fronteira com a Polônia. Vários membros da Igreja viviam nesse lugar, num campo para refugiados. Em fins de novembro, o presidente da missão, Richard Ranglack, perguntou ao irmão Krause o que achava de sair em missão, já que eram muitos os ramos que precisavam de ajuda. “Se o Senhor precisa de mim, eu irei”, respondeu o irmão Krause.

“No dia 1º de dezembro de 1945, comecei minha missão, com 20 marcos no bolso, um pedaço de pão seco e uma garrafa de chá de ervas. Um irmão me dera uma japona que pertencera a um filho seu, que não voltou da guerra. Outro irmão, sapateiro, deu-me um par de sapatos. E assim comecei minha missão, com duas camisas, dois lenços e dois pares de meia”, relembra o irmão Krause. (De uma coleção de esboços autobiográficos não publicados, editados por Manfred Schutze, página 3.)

O transporte era muito difícil ou inexistente. O irmão Krause contou que era comum andar doze a treze horas, percorrendo distâncias de até cinquenta quilômetros, para visitar os vários ramos da Igreja. Muitos membros, porém, como a irmã Elli Polzin, ainda tinham que ser encontrados e ajudados.

“Vim de Stettin (hoje na Polônia) com meus filhos e minha mãe, em 1946. . . . Certo dia dois missionários, um deles era o irmão Walter Bohme, de Groitzsch, apareceram para ajudar-nos a fazer contato com a Igreja novamente. Incentivaram-nos a mudar para Schwerin, onde havia um ramo da Igreja. Lá arranjei trabalho . . . e depois de muitas dificuldades pude buscar minha família. . . . Vivemos num só quarto durante anos, até conseguirmos um apartamento. E então, em dezembro de 1949, dois dias antes do Natal, meu marido voltou da prisão” (Schutze, página 18).

O irmão Eberhard Gabler descreveu sua missão:

“Sem apoio financeiro . . . tinha confiança plena de

**No lado oposto:  
Liderança do Ramo  
Dresden, 1950.**

**Abaixo: Vista de  
Dresden, do outro lado  
do rio Elbe. Embaixo: O**

**Presidente da Missão,  
Herold L. Gregory, fala,  
em 1955, numa reunião  
que comemora o  
centenário do Ramo  
Dresden.**



FOTOGRAFIA DE PEGGY JELLINGHAUSEN



que se o Senhor necessitava de mim, haveria de me manter. Ele não me desapontou.” Durante trinta e oito meses o irmão Gabler ajudou a edificar “o Reino de Deus no que era então a Missão Alemanha Oriental . . . Quase toda a liderança das organizações ficou nas mãos dos missionários. Éramos presidentes de ramo, líderes (dos jovens), líderes da Escola Dominical e da Primária, e professores em todas as organizações” (Schutze, página 29).

As experiências de Herbert Schreiter são, em essência, as de muitos homens santos dos últimos dias. O irmão Schreiter tinha abandonado um bom emprego para cumprir uma missão de dois anos, no período de depressão, de 1929 a 1930. Voltou para servir como presidente de ramo em Chemnitz (mais tarde Karl-Marx-Stadt), de 1937 a 1941, quando foi chamado para o

**Em cima, à esquerda: O Portão Brandenburg, em Berlim. À direita: Missionários nativos trabalhando na Alemanha Oriental em 1955. Embaixo: Walter Stover, no centro da**

**fileira da frente, o primeiro presidente de missão da Alemanha Oriental de pós-guerra, com presidentes de distrito. Na frente, começando pela esquerda: Fritz Lehnig,**

**Walter Fassmann, Presidente Stover, Heinze Hinckel e Anton Larisch. Atrás, começando pela esquerda: Bruno Schreiter, Erich Sellner, Walter Kindt, Hans Bottcher e Walter Krause.**



FOTOGRAFIA DE JOACHIM MESSERSCHMIDT, CORTESIA DE FPG INTERNACIONAL



exército alemão. Enquanto no exército, foi presidente da Escola Dominical do Ramo de Salzburg (Áustria). Logo depois da guerra, em 1946, foi chamado para cumprir mais uma missão, o que significaria separar-se da família. Sua resposta: "Claro que sim! Estou pronto e sinto-me feliz com esse privilégio" (Schutze, página 46).

As circunstâncias incomuns pelas quais passava a Igreja, atrás da Cortina de Ferro, requeriam homens de experiência e maturidade. Esses homens, na maioria dos casos, tinham família. Paul Schmidt escreveu o seguinte sobre sua missão: "Será que vós, que nascestes e crescestes depois da guerra, podeis compreender o que significava, no verão de 1946, aos 41 anos, ser chamado para cumprir uma missão que duraria cinqüenta meses, e que significava deixar para trás uma mulher e dois filhos em idade escolar?" (Schutze, página 50.)

Experiência e maturidade, porém, não eram os valores mais importantes para os missionários. O irmão Schmidt escreveu: "Se tivéssemos confiado só na experiência não teríamos feito nada, pois pouquíssimos membros, em 1945-1946 tinham a experiência necessária. . . . Os membros, porém, podiam também confiar na inspiração, que seguimos destemidamente, sendo bem sucedidos" (Schutze, página 51).

### O LABOR DA FÉ

Muitas vezes, edificar ramos significava construção literal, física. Quando os missionários de Dresden pediram ao comando soviético um lugar para reunir-se, foi-lhes dado o velho cassino dos oficiais, num edifício bombardeado, pertencente ao exército alemão. Os próprios membros, na maioria mulheres, crianças e homens de idade, fizeram o trabalho pesado, embora dispusessem de pouquíssimo alimento. Certa vez, por exemplo, oito mulheres, dois diáconos e dois irmãos idosos carregaram uma viga de aço de seis metros até o edifício, levantando-a depois em suportes que ficavam a três metros do chão.

O edifício foi o local de reunião do ramo e da Ala de Dresden durante quarenta anos. O Presidente Spencer

W. Kimball falou nessa capela em 1977, e em fins dos anos 80 nela foi feita uma apresentação do grupo Geração Lamanita, composto de alunos da Universidade Brigham Young. Quando a Ala de Dresden mudou para uma nova capela, em 1988, os membros remodelaram parte do velho edifício, convertendo-o em confortável apartamento para um casal missionário.

Da mesma forma que para os membros da Igreja em Dresden, que ficava bem ao sul da República Democrática Alemã, foi muito difícil para os membros do norte, em Schwerin, encontrar uma casa para o seu ramo. Durante dez anos eles mudaram de uma sala alugada para outra, e depois para a sala de visitas de uma família. Em 1956, conseguiram comprar uma propriedade, mas tiveram que fazê-lo em nome do presidente do ramo, porque a Igreja não podia ter propriedades. Não foi permitido aos membros demolir o edifício que havia no local, porque continha um apartamento, mas foi-lhes permitido construir na parte restante do terreno. Também tiveram permissão de demolir uma velha caserna do exército, que distava oito quilômetros do centro da cidade, usando esse material para construção.

E então, depois de terem levado vinte e três caminhões de material de construção para o terreno, foi-lhes recusada permissão para construir! No entanto, depois de terem jejuado e orado, receberam permissão para reformar uma velha estrebaria da propriedade, transformando-a em capela.

O projeto de reforma exigia mais materiais de construção, que eram estritamente controlados pelo governo. Os membros sentiram que obtiveram esse material com a ajuda do Senhor. (Vide Schutze, página 22.) No dia 5 de janeiro de 1958, Henry Burckhardt, conselheiro na presidência da Missão Alemanha Norte, dedicou a antiga estrebaria como local de reunião do Ramo Schwerin.

Em 1973, o ramo teve permissão para expandir o edifício, o que significava tornar a enfrentar o difícil processo de arranjar materiais de construção. Conseguiram uma grande quantidade de blocos de

**Em cima, à esquerda:**  
**Irmãs da Sociedade de**  
**Socorro do Ramo**  
**Werdau, em 1956.**  
**Embaixo: Atividade dos**

**jovens do Ramo Werdau,**  
**em 1977. À direita:**  
**Primária do Distrito de**  
**Gorlitz, durante uma**  
**conferência em 1973.**



concreto, com a ajuda do supervisor de construção da Igreja Luterana Evangélica, que admirava a industriiosidade e integridade dos santos dos últimos dias. Outros materiais de construção só podiam ser obtidos em pequenas quantidades, exigindo que os membros ficassem em longas filas para requisitá-los. Como os horários de trabalho impediam que os homens do ramo ficassem nas filas, a mulher do presidente do ramo tomou sobre si a responsabilidade de obter os materiais, mesmo significando ter que puxá-los com um carrinho-de-mão até o terreno. (Vide Schutze, página 24.)

Histórias semelhantes poderiam ser contadas sobre cada ramo da República Democrática Alemã. Por exemplo, em Leipzig, na parte central sul da república, quando os membros tiveram que desocupar o edifício reformado onde se reuniam, receberam permissão para

reformatar um velho cinema. Eles trabalharam no projeto muitos meses. Em 1968, quando estavam planejando uma reunião especial de dedicação, o presidente do ramo, Herbert Schreiter, foi informado pelas autoridades da cidade que o edifício estava para ser interditado e que não poderiam mais usá-lo. A única razão dada foi que o ramo não havia seguido todos os requisitos para construção. Finalmente, no entanto, os membros conseguiram nova permissão para usar a capela que haviam reformado.

#### **NOVAS BARREIRAS**

Nessa mesma época, os acontecimentos políticos na República Democrática Alemã estavam tornando as coisas mais difíceis para os membros da Igreja.

Antes da construção do Muro de Berlim, em 1961, os líderes e membros da Alemanha Oriental tinham algum contato com a Igreja no ocidente. Os presidentes de missão do setor ocidental da Alemanha presidiam a obra missionária de tempo integral no setor oriental. Depois da construção do muro, as visitas dos presidentes de missão ficaram, em sua maioria, restritas à época em que era realizada a Feira Semi-Annual de Leipzig, quando os visitantes do lado ocidental geralmente obtinham um visto para entrar no país. Nessas ocasiões os membros sempre se aglomeravam em Leipzig, aproveitando a oportunidade para se reunir e para estar com as autoridades da Igreja de fora do país. (Joel A. Tate, presidente de missão de 1963 a 1966, parece ter sido uma exceção, pois arranjou, de alguma forma, um jeito de entrar no país com mais freqüência, para visitar os missionários e os santos.)

Antes de 1961 as conferências missionárias eram às vezes realizadas em Berlim Ocidental, e missionários e membros da República Democrática Alemã podiam ocasionalmente voltar com manuais de aulas na bagagem. Embora não fosse oficialmente aprovada pelo governo, a passagem desse material na fronteira não era oficialmente proibida. Os santos locais então datilografavam as informações dos manuais, fazendo muitas cópias com papel carbono, até haver número suficiente para cada um dos ramos. Depois de 1961, mesmo esse contato com a literatura oficial da Igreja foi ficando cada vez mais restrito. O irmão Joachim Albrecht, de Bautzen, conta esta história:

“Recebemos instruções do Presidente Burckhardt de que todos os materiais religiosos, livros, manuais etc., não autorizados, deviam ser destruídos. Fiquei com o coração partido. Eu havia, com o passar dos anos, conseguido com muita dificuldade reunir uma quantidade pequena mas satisfatória, de material da Igreja, porém sem autorização oficial. Sentei-me em frente da lareira. *Não*, disse para mim mesmo. *Não posso fazê-lo*. Por fim, queimei todos os livros e manuais que havia colecionado com tanto trabalho. Menos de

duas semanas depois a polícia secreta bateu à minha porta. Deram busca na casa, à procura de material impresso não autorizado. Eu não possuía nenhum. Aprendi, com isso, uma grande lição sobre líderes inspirados e sobre a importância de ouvir seus conselhos.”

#### UM PERÍODO DE ALEGRIA

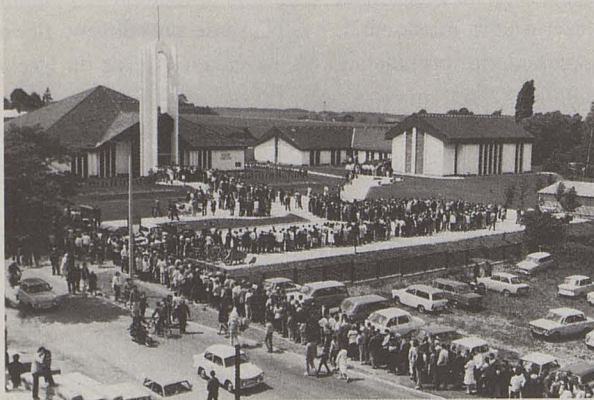
Em meados de 1960, não só o material de leitura, mas o programa missionário de tempo integral, foram proibidos. Só casais mais velhos, já aposentados, podiam fazer a obra missionária, e o plano de proselitismo ficou severamente prejudicado. As atividades locais da Igreja também sofreram restrições. Em muitos ramos exigia-se que o presidente apresentasse um requerimento à polícia, para a realização de cada reunião. O requerimento tinha que conter os nomes dos oradores e os tópicos de seus discursos. Membros da polícia secreta compareciam às reuniões.

Embora os últimos anos da década de 60 e os primeiros da década de 70 pareçam ter sido os mais negros da história da Igreja na República Democrática Alemã, os membros relembram esse período com grande carinho, e até mesmo com alegria. Quanto mais pressionados pelas forças externas, mais se aproximavam uns dos outros, da Igreja e do Senhor. A freqüência às reuniões era alta; as designações de mestres familiares e professoras visitantes eram desempenhadas com devoção e sinceridade; os membros se importavam uns com os outros e ajudavam-se; os dízimos e ofertas eram pagos fielmente.

Alguns membros permaneceram fiéis, a despeito de anos de isolamento. Gunter Schulze, atualmente bispo da Ala Dresden, despendeu muito tempo, nesse período, procurando os membros isolados e cuidando deles — alguns na Polônia, outros em áreas distantes da República Democrática Alemã. Uma dessas pessoas foi uma irmã idosa, na Alta Silésia.

“Nós lhe fizemos uma demorada visita”, lembra o irmão Schulze. “Finalmente, ela foi até o fogão e,

**Em cima:** Élder Thomas S. Monson, do Conselho dos Doze, centro, Representante Regional Hans B. Ringger, esquerda, e Élder Robert D. Hales, Administrador Executivo na Europa, assistiram a uma conferência em Dresden, em 1982. **Em baixo:** Milhares de pessoas visitaram o Templo Freiberg Alemanha, antes de sua dedicação em 1985.



de trás dele, tirou uma meia cheia de nós, que começou a desatar. Disse ela: 'Este é o meu dízimo. Economizei-o durante mais de vinte e cinco anos. Eu sabia que o sacerdócio haveria de voltar à minha casa algum dia!'

#### UM DIA MAIS CLARO

Nessa época tão difícil aconteceu algo que acabou sendo o ponto decisivo para a Igreja na República Democrática Alemã. Nos dias 9 e 10 de novembro de 1968 o presidente de missão, Stanley D. Rees, da Missão Alemanha Norte, e a esposa, visitaram a República Democrática Alemã, em companhia do Élder Thomas S. Monson, do Quorum dos Doze.

Relembra a irmã Krause: "Ele (Élder Monson) era tão jovem, que pensamos ser um missionário, pois os presidentes de missão geralmente vinham acompanhados de missionários, quando apareciam" (carta de Krause, página 5).

Numa reunião em Górlitz, perto da fronteira da Polônia, o Élder Monson prometeu aos santos da Alemanha Oriental que gozariam de todas as bênçãos dos outros membros da Igreja. (Vide *A Liahona*, julho de 1989, pp. 58-59.) Embora os acontecimentos externos da "guerra fria", na República Democrática Alemã, não parecessem alterar-se imediatamente, mudanças sutis começaram a ocorrer dentro da Igreja naquele país — devagar de início, mas aceleradamente nos vinte anos seguintes.

No dia 27 de abril de 1975, numa colina que dava para o rio Elbe, entre Dresden e Meissen, Élder Monson dedicou a República Democrática Alemã para a pregação do evangelho. No dia 24 de agosto de 1977, o Presidente Spencer W. Kimball falou aos santos na capela de Dresden, a mesma que havia sido um cassino de oficiais, reformado depois da guerra. Em agosto de 1982, foi criada a Estaca Freiberg; e em 1985, foi dedicado o Templo de Freiberg Alemanha. Foi concedida permissão para a construção de novas capelas: em Freiberg, ao lado do templo; em Leipzig; em Zwickau; em Dresden; e em Karl-Marx-Stadt.

Finalmente, em outubro de 1988, foi anunciado que, depois de cinquenta anos, missionários de tempo integral novamente teriam permissão para entrar no país, a fim de organizar uma missão. Um dia mais claro estava surgindo majestosamente na República Democrática Alemã. □

*Garold e Norma Davis serviram como missionários em Dresden, República Democrática Alemã. Irmão Davis é professor de alemão e diretor do Departamento de Línguas Germânicas e Eslavas da Universidade Brigham Young, em Provo, Utah, onde a irmã Davis trabalha como professora assistente na área de ciências humanas. Moram na Ala Oak Hills Second, Estaca Provo Utah Oak Hills.*

# A IGREJA ATRÁS DO MURO

1945-1990

**1946**

Walter Stover é designado primeiro presidente da Missão Alemã Oriental pós guerra.

Élder Ezra Taft Benson, do Quorum dos Doze, supervisiona a distribuição de suprimentos de bem-estar em toda a Alemanha e partes da Polônia.

**1947**

Cinco mil santos dos últimos dias participam da comemoração do centenário do Dia dos Pioneiros, em Dresden; é a maior comemoração da Igreja jamais realizada na Alemanha. (Não é concedida ao Presidente Stover autorização para viajar e comparecer.)

**1952**

Junho 23-24 — O Presidente David O. McKay fala numa conferência em Berlim. Muitos membros da República Democrática Alemã obtêm licença para assistir.

**1955**

Outubro 22-24 — É permitido ao Presidente Herold L. Gregory visitar Dresden, para ajudar na comemoração do centenário do Ramo de Dresden.

**1968**

Novembro 9-10 — Élder Thomas S. Monson visita a República Democrática Alemã e fala em Gorlitz, prometendo ao povo que receberia todas as bênçãos que estavam ao alcance dos outros membros da Igreja.

**1969**

Junho 15 — Élder Monson organiza a Missão Dresden, que passa a ser responsável por todos os membros da República Democrática Alemã. Henry Burckhardt, residente no país é designado presidente.

**1970**

Walter Krause é ordenado patriarca da Missão Dresden, pelo Presidente Harold B. Lee.

**1975**

Abril 27 — Numa colina perto de Dresden, o Élder Thomas S. Monson profere uma oração dedicatória da República Democrática Alemã.

**1977**

Agosto 24 — De volta de uma viagem à Polônia, o Presidente Spencer W. Kimball visita a República Democrática Alemã e fala na capela de Dresden.

**1982**

Agosto 29 — É organizada a Estaca Freiberg.

**1984**

Junho 23 — É organizada a Estaca Leipzig.

**1985**

Junho 28 — É dedicado o Templo Freiberg Alemanha.

**1988**

Maio — O grupo Geração Lamanita, da Universidade Brigham Young, faz uma turnê pela República Democrática Alemã.

Outubro — O governo da República Democrática Alemã anuncia que os missionários terão permissão para entrar no país.

**1989**

Março 31 — Os missionários da recém-formada Missão Dresden, da República Democrática Alemã, começam a entrar no país. Estes são os primeiros missionários estrangeiros a entrar no país, em regime de tempo integral, em cinqüenta anos.

Dezembro 31 — A nova missão registra 569 batismos de conversos até o final do ano.

**1990**

Outubro 21 — Numa conferência com três estacas, em Berlim Ocidental, a Estaca Leipzig é dividida. As alas e ramos que ficavam ao norte da Estaca Leipzig são transferidas para a Estaca Berlim Ocidental. Também, a Estaca Berlim Ocidental se torna parte do território da Missão Dresden Alemanha, e os missionários da Missão Hamburgo Alemanha, então servindo em Berlim Ocidental, são transferidos para a Missão Dresden Alemanha. □

# COMO TIRAR PROVEITO DA

# TV

Jeanene R. Flake

**H**á muitos anos as pessoas vêm se queixando de que a televisão é uma influência terrível na sociedade, e na família em particular. Entretanto, não tem, necessariamente, que ser assim. A televisão pode ser um instrumento útil, se soubermos como usá-la. Eis algumas coisas que podemos fazer para que a influência da televisão sobre nossa família seja positiva.

**1. Selecionar os programas.** Na conferência geral de abril de 1989 o Élder M. Russell Ballard, do Quorum dos Doze, disse: "Nós devemos procurar modificar as tendências corruptas e imorais da televisão e da sociedade, não aceitando em nosso lar coisas que ofendam e degradem" ("Os Efeitos da Televisão", *A Liahona*, julho de 1989).

Provavelmente, o passo mais importante para obtermos melhor proveito da televisão seja estabelecer regras que imponham restrições aos programas assistidos pela família. Evitar ligar o aparelho só para ver o que está passando. Tanto pais como filhos devem escolher os programas antes de se sentarem para assistir a eles. Consultar a programação que ajudará a avaliar a natureza e o conteúdo do programa. Quando o programa terminar, desligar a televisão.

**2. Limitar o tempo que a família passa em frente da**

**televisão.** Fazer durante a semana um levantamento do tempo que cada membro da família despense assistindo à TV, e em outras atividades.

Depois, analisar os resultados em família. Discutir suas preocupações e a possível necessidade de mudanças.

Durante o debate, especificar quanto tempo a família vai gastar diariamente nisso, bem como em que horas não poderá ligar o aparelho: antes do desjejum, antes do término das tarefas, ou de noite por exemplo. Também, ajudar os filhos a fazerem uma lista de atividades de que poderão participar, em vez de ficarem diante da TV.

**3. Desligar a TV quando os programas forem impróprios.** Ensinar os filhos a distinguirem os programas apropriados dos impróprios. Tópicos e cenas inconvenientes estão cada vez mais se insinuando na programação. Se tal material aparecer num programa, desligar e debater seus efeitos espirituais nocivos.

**4. Incentivar todos os membros da família a verem bons programas.** Se os pais derem prioridade a programas sadios e educativos, os filhos geralmente aprenderão a fazer o mesmo. Os pais precisam estabelecer o exemplo. No seu discurso de conferência o Élder Ballard mencionou programas positivos, como noticiários locais e internacionais; programas especiais, geográficos e históricos; programas culturais, de teatro,



dança e música; programas sobre as várias culturas do mundo. (Vide *A Liahona*, julho de 1989, p. 85.)

Uma das formas de ajudar os filhos a aprenderem a fazer escolhas sábias é pedir que citem diversos de seus programas favoritos, separando-os em categorias, de acordo com o tipo: desenho, comédia, esporte, ficção científica, notícias e assim por diante. Se achar que a seleção se limita a um só tipo de programa, estudar a programação junto com os filhos e sugerir alguns programas que possam expandir seus gostos.

**5. Assistir aos programas com a família e depois conversar sobre eles.** Muitas pessoas assistem à TV tão somente como um meio de recreação, algo para relaxar ou escapar dos problemas diários; não como algo para fazer raciocinar. As pesquisas, porém, revelam que instruir os filhos enquanto eles assistem à TV pode ter grande efeito, principalmente dos seis aos doze anos de idade. As perguntas feitas e respondidas durante o programa podem ser de maior impacto para eles do que as debatidas antes ou depois.

Eis algumas perguntas que poderemos fazer a nossos filhos: "Sobre o que acham que vai ser a história?" "Já viram isso acontecer antes?" "Que tipo de pessoa é o personagem?" "Como é que acham que vai terminar a história?" "Já se sentiram da mesma forma que o personagem?"

**6. Ajudar os filhos a aprenderem a avaliar e analisar o que assistem.** Usar a TV como instrumento educativo. Poderemos ensiná-los, por exemplo, a pensar em muitas soluções possíveis para os conflitos, e nas conseqüências de cada uma. Perguntar, por exemplo: "Qual é o problema do personagem?" "O que ele pode fazer para solucioná-lo?" "Quais as conseqüências da decisão tomada?" E depois, "Qual seria a melhor solução, e por quê?"

**7. Discutir os valores.** A televisão explora todos os tipos de assuntos. Se acharmos que os valores retratados não são corretos, desliguemos o aparelho e expliquemos a nossos filhos o motivo por que o fizemos. Nos programas escolhidos, conversar sobre o modo de agir de

determinado personagem ou o assunto do programa. Isto ajuda os pais a descobrirem como os filhos se sentem a respeito de certos assuntos e dá-lhes a oportunidade de ensinar princípios do evangelho. Elogiemos nossos filhos quando eles concordarem com atitudes que estejam em harmonia com o evangelho e ajudemo-los a verem como podem aplicar tais valores.

**8. Combater a violência.** Incentivar os filhos a assistirem a programas nos quais os personagens ajudem o próximo. Estudos feitos mostram que estes tipos de programa influenciam positivamente as crianças.

Se o programa mostrar excesso de violência, desliguemos e debatamos o problema com a criança: "O que foi que motivou o personagem a fazer o que fez?" "Será que na vida real as pessoas reagem de maneira diferente?" "O conflito poderia ser resolvido sem violência?" "Como?" Não deixemos de apontar as conseqüências dolorosas da violência, assim como os efeitos prejudiciais de cenas violentas.

**9. Usar a TV como motivação ou ponto de apoio para a leitura.** As crianças lêem quando seu interesse é estimulado; portanto, incentivemo-las a assistir a programas educativos, fazendo em seguida pesquisas adicionais sobre o assunto em particular ou sobre outro assunto que o programa possa ter trazido à tona.

**10. Desenvolver uma perspectiva pessoal da televisão.** Sejam suficientemente maduros para saber que às vezes não há nada digno de ser assistido. São muitos os passatempos e interesses alternativos que nós e nossa família podemos buscar no tempo livre; numa lista de prioridades, muitas vezes a televisão deve ficar bem no fim. Nada positivo é ganho quando assistimos a maus programas de televisão. Aprendamos a assistir a programas que apóiem os princípios do evangelho.

A televisão causa um impacto poderoso e imediato nos que assistem a ela, e pode transmitir muitas informações úteis. Ao invés de condenar todos os seus programas, devemos usar o interesse de nossos filhos por esse meio de comunicação, estimulando suas aptidões analíticas e melhorando sua educação. □

# SEÇÃO INFANTIL.

A IGREJA DE IESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • FEVEREIRO DE 1992





HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON



## A FUGA DO POVO DE ALMA



Um dia, enquanto o povo de Alma trabalhava no campo, um exército de lamanitas se posicionou na fronteira de suas terras.

Mosiah 23:25



Os nefitas ficaram com medo e correram para a cidade em busca de segurança. Alma lhes disse que se lembrassem de Deus, que Deus os ajudaria. Alma e seu povo oraram por ajuda. Mosiah 23:26–28



O Senhor abrandou o coração do exército lamanita. Eles entraram na cidade, mas pouparam a vida dos nefitas. Os lamanitas se haviam perdido no deserto, tentando encontrar o povo de Limhi. Mosiah 23:29–30



ILUSTRADO POR JERRY THOMPSON

Os lamanitas prometeram a Alma que não incomodariam seu povo, se Alma lhes contasse como voltar para a terra de Néfi. Alma lhes mostrou o caminho. Mosiah 23:36



Os lamanitas, porém, não cumpriram a promessa. Colocaram guardas ao redor da terra, e Alma e seu povo deixaram de ser livres. Mosiah 23:37



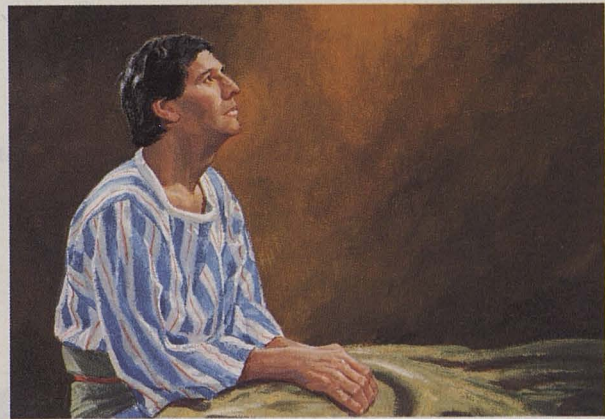
Amulon era nefita e tinha sido um dos sacerdotes iníquos do rei Noé. O rei lamanita fez de Amulon rei do povo de Alma. Amulon os perseguiu e fez com que eles trabalhassem duramente. Mosiah 23:39; 24:8-9



Alma e seu povo oraram por ajuda. Amulon disse que, se alguém orasse, seria morto. O povo orou em seus corações, e assim os guardas nada ouviam. Mosiah 24:10-12



Deus ouviu as orações e fortaleceu-os, de tal forma, que o trabalho se tornou leve. O povo era alegre e paciente. Mosiah 24:15



O Senhor estava satisfeito com a fé do povo e disse a Alma que os ajudaria a fugir dos lamanitas. Mosiah 24:16-17



Durante a noite, o povo juntou seus rebanhos e cereais. Na manhã seguinte, o Senhor fez os lamanitas dormirem, enquanto Alma e seu povo deixavam a cidade. Mosiah 24:18-20



O povo de Alma agradeceu a Deus pela ajuda. Depois de viajarem doze dias, chegaram à terra de Zarahemla, onde o rei Mosiah e seu povo os receberam com alegria. Mosiah 24:21-25

# ORAÇÃO

## TENTAI OUTRA VEZ

Élder H. Burke Peterson  
dos Setenta

**"Pelo que não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor" (Efésios 5:17).**

**A**lguma vez já pedistes algo muito importante ao Senhor e notastes que a oração não foi respondida como esperáveis? Eu já. Alguma vez orastes, dias seguidos, por algo especial e achastes que a oração não surtiu efeito? Eu já. Algumas vezes, cheguei a ficar de joelhos e depois levantar, pensando: *De que adianta? Ele não está nem ouvindo.*

Quero que saibais que o Pai Celestial ouve nossas orações e responde a elas. O problema é que, às vezes, não ouvimos a resposta.

Gostaria de que fizésseis o seguinte: se possível, ide a um lugar onde possais estar sozinhos; ajoelhai-vos e pensai realmente a quem estais orando; falai em voz alta — ou, se preferirdes, sussurrai; agradecei o que ele tem feito por vós; confiai nele; deixai-o saber o que vai em vossos corações; pedi-

lhe ajuda; não repitais frases que ouvistes outros dizerem — conversai com ele de verdade.

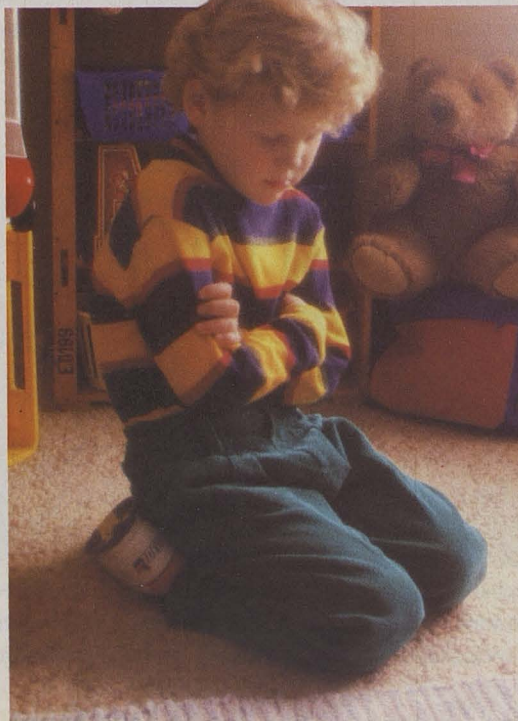
Depois, ouvi cuidadosamente, ou não ouvireis o

que o Pai Celestial tem a vos dizer. Ouvi, até perceberdes aquele sentimento cálido e bom que significa terdes recebido a resposta.

Em certas ocasiões, ela será *não*, porque o pedido não é correto. A resposta pode vir da primeira vez. Ao orar por algo muito especial, pedi também pela bênção do entendimento, a fim de que possais reconhecer a resposta. Aprendei a obedecer aos conselhos que recebeis.

Testifico que nosso Pai Celestial nos ouve e responde. Também nós precisamos estar preparados para ouvi-lo. □

(Adaptado de "Oração — Tentai outra vez", A Liahona, dezembro de 1981.)



# Reverência É Amor

Reverente ♩ = 112-126

Re-ve-rên-cia é mais que sen-tar bem quietinho. É pen-sar com  
 mui-to fer-vor Nas bên-çãos que vêm do meu bom Pai Ce-  
 les-te Por-que re-ve-rên-cia é a-mor. Quan-do  
 sou re-ve-ren-te em pa-la-vras e a-ções De-mons-tro res-  
 pe-i-to e a-mor E sin-to no fun-do do  
 meu co-ra-ção Que es-tou per-to do Sal-va-dor.

Letra e música: Maggie Olauson, n. 1949.

Copyright © 1987 por Maggie Olauson. All rights reserved.

Este hino pode ser copiado para uso no lar ou na Igreja, sem fins comerciais.

Doutrina e Convênios 138:1-4

Doutrina e Convênios 109:21

# COMPARTILHAR BONS MOMENTOS

Agnes Kempton

Trisha se levantou, sentindo que alguma coisa estava diferente. Olhou pela janela e viu o chão coberto por uma grossa camada de neve recém-caída. Vestiu-se rapidamente e cruzou o "hall" para acordar Janis. Embora sua irmã fosse quatro anos mais velha, elas eram grandes amigas. "Ande logo! Mude de roupa!", disse, apressando Janis. "Nevou durante a noite, e eu não agüento mais esperar para fazer um boneco de neve."

Janis coçou os olhos. "Ainda é muito cedo para levantar e, de qualquer forma, a neve vai ficar lá o dia todo." Ela ameaçou rolar para o lado e voltar a dormir.

"Não! Uma parte vai derreter." Trisha puxou o braço da irmã. "Vamos, levante!"

Vagarosamente, Janis sentou-se na cama. Olhou para Trisha e tentou franzir as sobrancelhas, mas acabou sorrindo. "Você não vai me deixar em paz, não é?" disse ela. "E fazer um boneco de neve é sempre muito divertido."

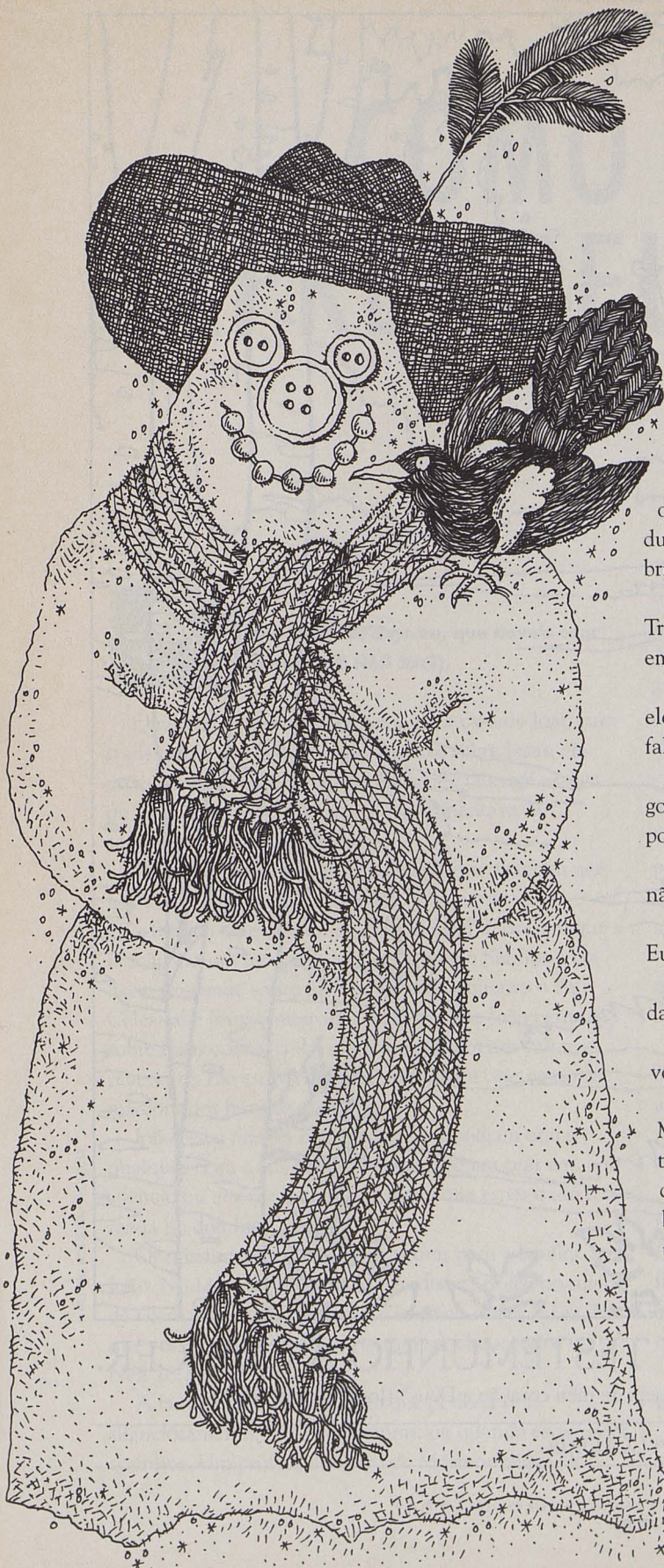
Trisha tentou escapar do desjejum, mas sua mãe insistiu em que elas comessem, para ter algo quente no estomago antes de sair. Assim, Trisha comeu seu cereal o mais rápido que pôde. Depois, teve que esperar Janis terminar de comer. *E se a maior parte da neve tiver derretido quando sairmos?* pensou ela, preocupada. Quando saíram, porém, havia ainda muita neve no chão. Os olhos da menina faiscaram de alegria ao olhar em volta.

"Onde você quer fazer o boneco de neve?" perguntou Janis.

"Bem aqui, no meio do jardim. Quero que todos os vizinhos o vejam." Elas começaram a cavar com as mãos e encher os braços de neve, fazendo montes no meio do jardim. Meia hora depois, quando pararam para descansar, o boneco de neve já estava começando a tomar forma.

Trisha olhou de soslaio para a porta da casa da frente.





Ficou surpresa em ver sua amiga Marny observando-as da janela do quarto.

Ela acenou para Marny, que lhe acenou de volta. Marny parecia muito infeliz. Desde que adoecera no mês anterior, tinha de ficar em casa. Trisha sabia que Marny também desejava estar brincando na neve. Ela visitava a amiga quase todos os dias, mas não era muito divertido para nenhuma das duas — não o tipo de divertimento que tinham, ao brincarem juntas do lado de fora.

Enquanto ela e Janis terminavam o boneco de neve, Trisha já não estava tão feliz, porque começou a pensar em Marny.

“Terminei”, disse Janis pouco depois. “Claro que ele precisa de uns retoques. Vou buscar o que está faltando.”

“Espere!” interrompeu Trisha. “Eu sei que a Marny gostaria de nos ajudar a fazer esse boneco de neve. Ela pode dar os toques finais.”

Janis olhou surpresa. “Mas a Marny está doente. Ela não pode sair de casa.”

“Não, mas ela pode ajudar assim mesmo. Espere aqui. Eu volto já.”

Trisha correu para a casa de Marny e bateu na porta da frente. A mãe de Marny atendeu e sorriu para Trisha.

“Marny está lá em cima. Ela estava imaginando se você viria visitá-la hoje.”

Trisha sorriu também e depois correu até o quarto de Marny. Ao sair da casa da amiga dez minutos mais tarde, tinha tudo o que faltava para terminar o boneco de neve. Tinha botões azuis para os olhos, um grande botão preto para o nariz, algumas cerejas para a boca, um chapéu velho de feltro para colocar na cabeça e um cachecol para enrolar no pescoço.

“Ele parece quase de verdade”, disse Janis.

“Também acho”, concordou Trisha. Ela se voltou para olhar a janela do quarto de Marny. Marny, obviamente, observara tudo o que elas faziam, mas agora ela sorria. □

SÓ PARA DIVERTIR



ILUSTRADO POR ROBYN S. OFFICER

## A ORAÇÃO AJUDA MEU TESTEMUNHO A CRESCER.

“Ajoelhei-me e comecei a oferecer o desejo de meu coração a Deus” (Joseph Smith 2:15).

PARA COLORIR.

# COMO JOÃO APRENDEU A ORAR

Virginia Pearce



**“Mas eis, vos digo eu, que deveis orar sempre” (2 Néfi 32:9).**

Quando os missionários visitaram a casa de João para transmitir à sua família ensinamentos sobre Jesus, ele ouviu atentamente. Todas as vezes que falavam acerca do Pai Celestial e de Jesus, ele experimentava um sentimento de paz interior.

Antes de irem embora, os missionários disseram que gostariam de ensinar a família de João a orar. Ajoelharam-se e oraram ao Pai Celestial. Disseram que a oração era um modo de conversar com o Senhor. João ficou pensando sobre isso. Imaginava o quanto o Pai Celestial e Jesus o amavam. Toda vez que João pensava sobre essas coisas, tinha o mesmo sentimento calmo e reverente. Ele estava feliz por aprender a orar como os missionários haviam ensinado.

João e sua família aprenderam que podiam orar a qualquer hora e em qualquer lugar. Podiam orar em silêncio ou em voz alta. Não tinham que esperar até ir à igreja no domingo.

Os missionários leram as escrituras para a família de João. No Livro de Mórmon, Jesus disse: “Rogai no seio de vossa família ao Pai, sempre em meu nome, a fim de que vossas esposas e filhos possam ser abençoados” (3 Néfi 18:21).

A família de João aprendeu que poderia orar silenciosamente, ao fazer compras, ou quando estivessem sozinhos. Um profeta do Livro de Mórmon disse: “É

necessário que descerreis vossas almas a Deus, em vossas alcovas, em vossos lugares secretos e . . . deixai que se encham vossos corações de constantes e fervorosas orações pelo vosso bem-estar, assim como pelo de todos os que vos rodeiam” (Alma 34:26–27).

Os missionários ensinaram a João como orar da mesma forma que fez Jesus: Começamos dizendo: “Nosso Pai Celestial.” Em seguida, agradecemos a ele pelas bênçãos recebidas. Pedimos o que necessitamos. Depois, sempre terminamos em nome de Jesus Cristo, amém.

João aprendeu a orar! Ele faria orações todas as manhãs e todas as noites. Faria orações com sua família e em seu coração, sempre que quisesse.

Aquela noite, ao se ajoelhar, o menino começou, dizendo: “Querido Pai Celestial.” Depois, João agradeceu ao Senhor por ter enviado os missionários a sua casa e pelos sentimentos de quietude e reverência que tinha no coração.

Então, pediu ao Pai Celestial que abençoasse sua família. Seu pai precisava de um emprego, e sua irmãzinha estava doente. João pediu ao Senhor que lhes desse auxílio. Pediu ao Pai Celestial que o ajudasse a saber como ele próprio poderia ajudar outras pessoas.

João terminou sua prece em nome de Jesus Cristo, amém.

Quando foi dormir naquela noite, teve a mesma sensação boa, o mesmo espírito de reverência dentro de

si. Finalmente, sabia como falar com o Pai Celestial. Esse é o modo como também nós podemos falar com ele.

#### Instruções

Pinte as figuras abaixo. Acrescente suas próprias idéias por meio de palavras ou desenhos que representem coisas pelas quais sente-se grato, e as bênçãos que deseja. Em seguida, cole as páginas em papel grosso e recorte nas linhas pontilhadas. Perfure onde indicado. Prenda as

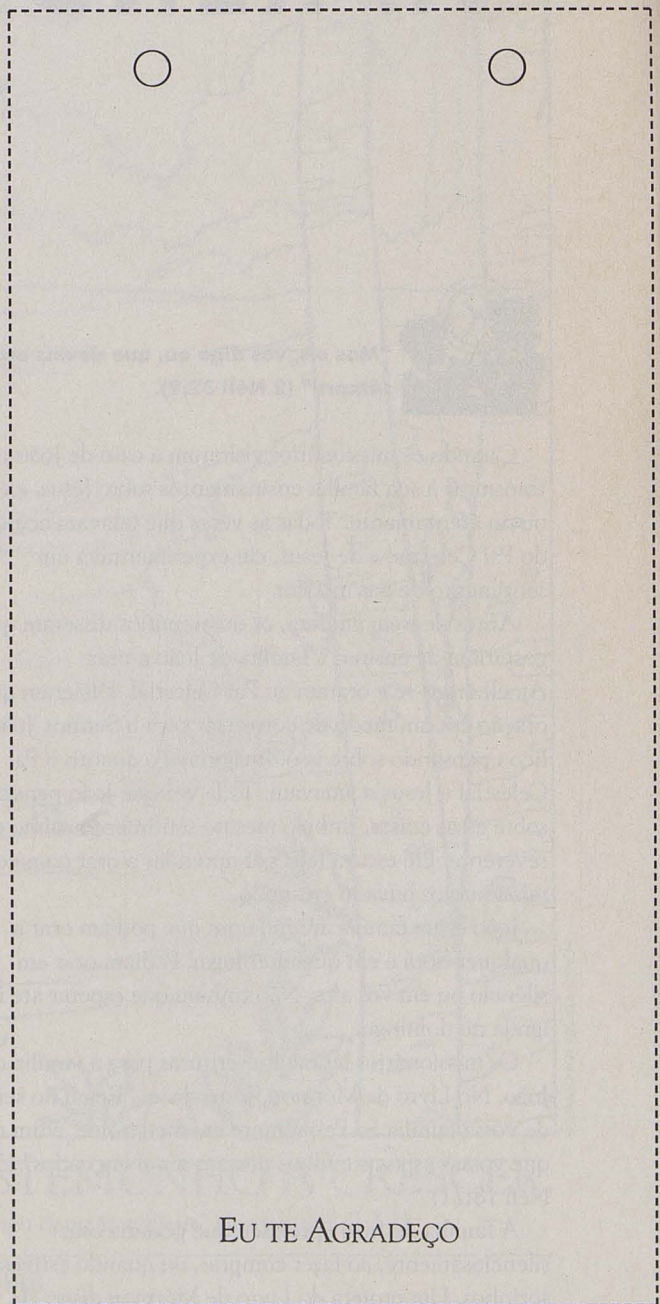
páginas com um barbante, ou fio de lã, dando um nó ou um laço. Terá, então, um álbum para ajudá-lo a se lembrar dos passos da oração.

#### Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Divida as crianças mais velhas em pequenos grupos, dando a cada um dos grupos as seguintes referências de escrituras: 3 Néfi 18:19-21; 3 Néfi 19:20-21; Enos 1:9; Enos 1:15-16; 3 Néfi 13:9-13; Alma 34:17-26; Morôni



QUERIDO PAI CELESTIAL



EU TE AGRADEÇO

7:26; Colossenses 3:17; Lucas 11:1-4. Peça que identifiquem qualquer um dos quatro passos da oração na passagem de escritura, e depois relatem ao grupo. O líder deve dar um exemplo com uma escritura, antes de as crianças começarem.

2. Peça às crianças pequenas que desenhem figuras de coisas pelas quais são gratas, e bênçãos que gostariam de receber. Faça com que as crianças recortem as figuras, para, em seguida, colá-las numa cartolina grande.

3. Peça a várias crianças que façam parte de um "grupo de peritos". Prenda, com fita adesiva, perguntas sobre oração nas cadeiras das crianças restantes. Por exemplo: Quando podemos orar? Como terminamos nossas orações? Deixe-as fazerem essas perguntas ao grupo. Permita que a platéia ajude o grupo a responder às perguntas.

4. Convide vários membros mais velhos da ala a contarem às crianças situações específicas em que suas orações foram respondidas. □

EU TE PEÇO



EM NOME DE  
JESUS CRISTO, AMÉM

ILUSTRADO POR LORI ANDERSON

# UMA ORAÇÃO PARA URSO

**"As vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração" (Filipenses 4:6).**

**Q**uando fiz onze anos, fui acampar durante três dias com meu amigo Don, meu irmão mais velho, meu pai e Urso. Urso era o nosso cachorro "collie" preto e branco. Ele adorava correr e caçar.

Nós nos divertimos muito com Urso naquele acampamento. Acampamos numa grande fazenda de gado, entre arbustos e rochas vulcânicas, perto de um bom riacho onde podíamos pescar.

Eu e meu irmão, Nick, levávamos Urso todos os dias ao riacho. Urso adorava brincar na água. Ele devia achar que estava pescando, mas claro que não pescava como nós. Colocava a pata esquerda na água e ficava batendo, molhando tudo em volta. Urso também bebia água no riacho. Ele fazia tanta confusão na água que, com certeza, todos os peixes logo fugiam para bem longe.

Na última manhã que passamos lá, meu irmão e eu deixamos Urso no acampamento, para podermos pescar em paz no riacho. Don e meu pai ficaram na barraca, lavando a louça do café da manhã.

Pouco depois, Don veio até nós. "Ei, Mike", disse ele, "seu cachorro morreu."

"Não é possível!"

"Bom, ele está quase morto. Levou uma mordida de cascavel."

Meu irmão e eu corremos para o acampamento o mais rápido possível. Don foi atrás de nós.

Era verdade. Quando chegamos, Urso estava mesmo deitado, imóvel, próximo à barraca de meu pai, que

havia matado a cascavel. Mas, aparentemente, não havia muito o que fazer por Urso.

Urso fora mordido duas vezes no nariz, que estava vermelho e inchado, dificultando-lhe a respiração.

Comecei a chorar. Não sabia o que fazer. Meu irmão começou a chorar também, mas teve uma idéia. "Pai, vamos fazer uma oração pelo Urso?"

Meu pai fez que sim com a cabeça. "O Urso está muito doente", disse ele. "Podem fazer uma oração por ele, mas estão prontos para aceitar, caso ele morra?"

"Estou", disse meu irmão. Eu só balancei a cabeça, concordando.

Nós quatro nos juntamos num semicírculo ao redor de Urso. Meu pai olhou para meu irmão mais velho. "Nick" disse ele, "quero que faça a oração, porque você tem bastante fé."

Não me lembro do que ele disse na oração, mas lembro-me de como me senti naquele momento, de pé, com a cabeça baixa.

Quando a oração chegou ao fim, Urso se levantou. Caminhou um pouco ao redor, depois correu. Parecia feliz por estar vivo.

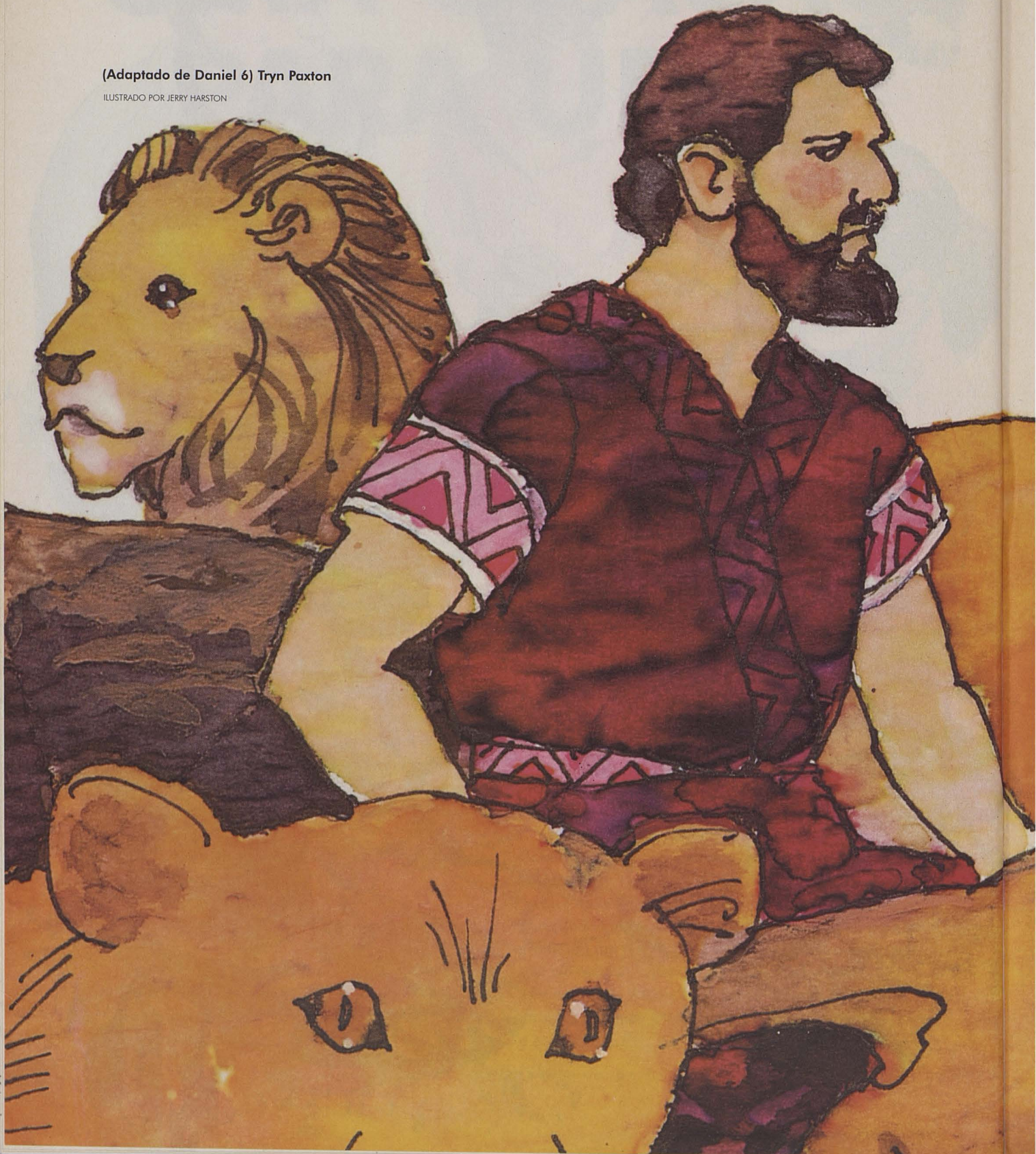
Eu estava feliz! Estava tão feliz, que fiquei abraçando Urso sem parar. Meu irmão ficou lá, parado, chorando um pouco mais. Não entendi na ocasião por que ele estava chorando, enquanto todos nós estávamos tão felizes. Porém, compreendi uma coisa: eu sabia que meu irmão tinha muita fé na oração — e eu também. □



# DANIEL NA COV

(Adaptado de Daniel 6) Tryn Paxton

ILUSTRADO POR JERRY HARSTON



# COVA DOS LEÕES

Dario, rei da Babilônia, fez de Daniel — um hebreu — um príncipe de todo o seu reino, porque “nele havia um espírito excelente” (Daniel 6:3)

Os outros príncipes e presidentes do rei invejavam Daniel e desejavam culpá-lo de alguma coisa. Sabiam que Daniel era fiel às leis de Deus, por isso persuadiram o rei Dario a proferir a seguinte ordem: qualquer um que “fizer uma petição a qualquer deus, ou a

qualquer homem” — exceto ao próprio rei Dario — seria lançado na cova dos leões. (Vide versículo 7.)

Daniel sabia que Dario tinha feito essa lei, mas continuou a ir ao seu quarto três vezes ao dia para orar.

Os outros líderes espionaram Daniel e encontraram-no orando. Então, foram até o rei e lembraram-no da lei que ele havia feito. Disseram-lhe que Daniel estava desobedecendo ao rei.

Dario ficou muito triste por ter feito aquela lei. Ele queria salvar Daniel, mas a lei não poderia ser mudada, de modo que Daniel foi lançado na cova dos leões. Disse o rei a Daniel: “O teu Deus, a quem tu continuamente serves, ele te livrará” (versículo 16).

O rei Dario passou a noite jejuando por Daniel. De manhã cedo, correu para a cova dos leões e chamou por Daniel. Daniel respondeu: “O meu Deus enviou o seu anjo, e fechou a boca dos leões, para que não me fizessem dano” (versículo 22).

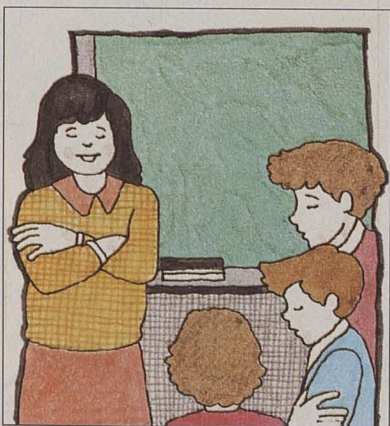
O rei, então, decretou que todo o povo do seu reino deveria adorar o Deus de Daniel. □



# Conversar com o Pai Celestial

**"Vigiai pois em todo o tempo, orando" (Lucas 21:36).**

Quando oramos, estamos conversando com nosso Pai Celestial. Você é capaz de dizer o que as pessoas estão fazendo em cada figura?



# Caridade: Um Modo de Vida

Presidência Geral da Sociedade de Socorro

**N**os tempos antigos os discípulos de Cristo eram conhecidos por suas boas obras. Ajudavam-se “uns aos outros temporal e espiritualmente, de acordo com suas necessidades e desejos” (Mosiah 18:29). Eles simplesmente prestavam serviço, onde quer que vissem.

Em 1842, o Profeta Joseph Smith organizou com as irmãs de Nauvoo a primeira Sociedade de Socorro, a fim de auxiliar os necessitados da cidade. Aqueles serviços práticos têm se multiplicado no decorrer desses 150 anos e espalharam-se por 128 países e territórios.

As mulheres da Sociedade de Socorro, diz a Presidente Elaine L. Jack, representam hoje “um exército de retidão. O lema da Sociedade de Socorro — A Caridade Nunca Falha — é tão importante, que estamos baseando a celebração do sesquicentenário de 1992 no serviço humanitário. Serviço caridoso não é algo que fazemos ocasionalmente. É um modo de pensar. Um modo de viver. Uma atitude a ser adotada”.

*Como podemos fazer do serviço caridoso parte natural de nossas vidas?*

## DAR E COMPARTILHAR

As irmãs da Sociedade de Socorro têm encontrado muitas maneiras de demonstrar caridade em seu ambiente social.

Em Milwaukee, Wisconsin, a presidente da Sociedade de Socorro da estaca, Dawn Rutowski, leu que



ILUSTRADO POR RON PETERSON

uma casa para crianças vítimas de maus tratos, recentemente inaugurada, estava precisando de pequenos acolchoados. Mais de 150 mulheres e moças reuniram-se numa tarde de sábado para preparar 300 acolchoados que proveriam calor e aconchego às crianças. (Vide *Church News* de 27 de outubro de 1990, p. 10.)

Ao descobrir que um hospital local precisava de travesseiros e lençóis novos, as irmãs da Sociedade de Socorro da Estaca Hong Kong Kowloon, compraram tecido e fizeram 150 travesseiros e outros artigos. (Vide *Church News* de 5 agosto de 1989, p. 7.)

Sete irmãs da Sociedade de Socorro em Siracusa, Itália, reuniram mulheres de outras igrejas e grupos cívicos para abrir uma casa para mães solteiras e carentes. (Vide *Church News* de 11 de junho de 1988, p. 10.)

Quando um menino boliviano de dezoito meses, Danny, foi transportado de avião para o Centro Médico das Crianças da Primária na Cidade do Lago Salgado, para

submeter-se a uma cirurgia corretiva nos pés e quadris, as irmãs da Sociedade de Socorro cuidaram dele devotadamente durante os três meses de recuperação.

A presidente da Sociedade de Socorro da Estaca Holladay Utah Norte, Sharon Kasteler, conta: “As irmãs que cuidaram de Danny têm hoje a essência do evangelho em suas vidas, porque elas compartilharam e deram de si.”

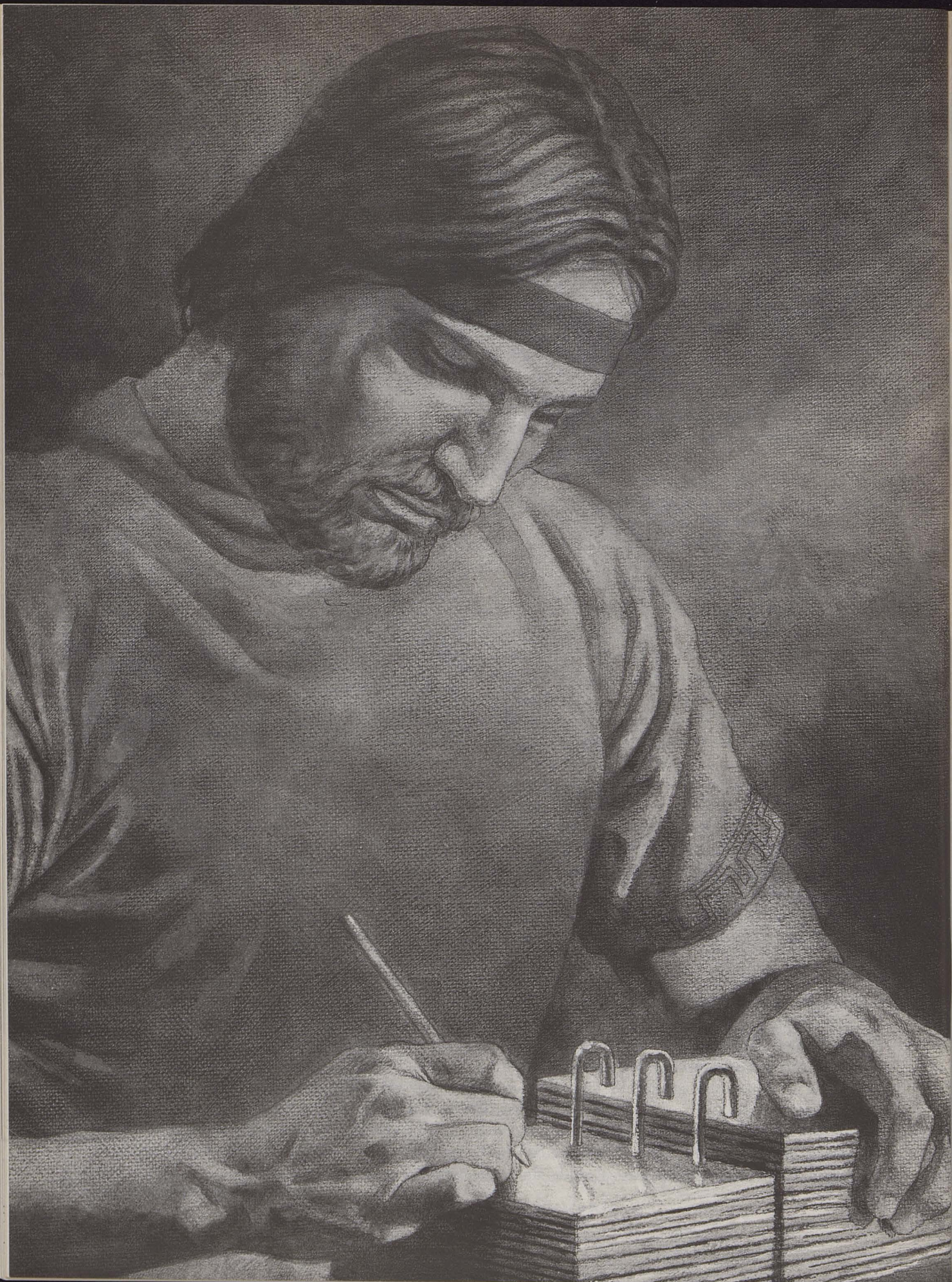
*Como as mulheres da Sociedade de Socorro em nossa comunidade podem prestar serviço?*

## POR ONDE COMEÇAR?

O Bispo Glenn L. Pace, do Bispado Presidente, lembra-nos que, como membros da Igreja, devemos jejuar e dar ofertas de jejum, a fim de que a Igreja possa fazer mais para aliviar o sofrimento. “Todo membro da Igreja pode orar para que haja paz no mundo e orar pelo bem-estar de todos os habitantes da terra.”

Ele nos estimula a abrir os olhos aos necessitados próximos de nós: “O melhor serviço de solidariedade que podemos prestar pode ser em nossos bairros e comunidades” (*A Liahona*, janeiro de 1991, p. 9). Devemos tomar a iniciativa. Não precisamos esperar uma designação.

Convidamos a todas para se unirem a nós na prestação de serviços, tanto materiais como espirituais, durante este ano do sesquicentenário da Sociedade de Socorro. □



# “PROFETIZAMOS DE CRISTO”

Bruce A. Van Orden

## Testemunhas de Cristo em 2 Néfi

O Senhor quase sempre usou testemunhas para ajudar a estabelecer sua palavra e seu poder na terra. Um dos propósitos de nossa vida terrena é testar-nos, ou seja, ver se acreditaremos em Deus e obedeceremos às suas leis enquanto vivermos longe de sua presença. (Vide Abraão 3:25.) De acordo com o Élder Bruce R. McConkie, para ajudar-nos neste teste ele “estabeleceu a lei de testemunhas, a lei pela qual se revela a profetas e homens justos e os envia a ensinar suas leis e prestar testemunho da veracidade e divindade dessas leis” (*The Promised Messiah: The First Coming of Christ*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1978, p. 84).

Néfi usou, em 2 Néfi, a lei de testemunhas, para provar que Cristo viria para redimir a humanidade: “Minha alma se regozija em provar a meu povo a verdade sobre a vinda de Cristo . . .

E minha alma deleita-se em provar a meu povo que sem a vinda do Cristo todos os homens perecerão” (2 Néfi 11:4, 6).

Néfi se referiu especificamente a Isaías e Jacó, dizendo: “Enviarei suas palavras aos meus filhos, para lhes provar que minhas palavras são verdadeiras. E, portanto, pelas palavras de três, disse Deus, estabelecerei a minha palavra. Não obstante, Deus envia mais testemunhas, e ele prova todas as suas palavras” (2 Néfi 11:3). Na verdade, podemos encontrar mais que três testemunhas em 2 Néfi, pois o livro começa com o testemunho de Léhi, pai de Néfi.

Conseqüentemente, 2 Néfi não contém muita história. Na verdade, com exceção do breve relato da morte de Léhi e a divisão em lamanitas e nefitas (vide 4:12–14; 5:1–34), o livro é uma coleção dos escritos de

quatro testemunhas — Léhi, Jacó, Isaías e o próprio Néfi — cada um testificando do seu Redentor e de suas obras. Prestar testemunho dele era o seu propósito principal. Néfi escreveu: “E falamos de Cristo, nos regozijamos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo e escrevemos de acordo com as nossas profecias, para que nossos filhos saibam em que fonte devem procurar o perdão de seus pecados” (25:26).

A mensagem principal destas quatro testemunhas é que o Messias, o Santo de Israel, redimirá a humanidade, individual e coletivamente. Essa redenção envolve tanto a primeira como a segunda vinda. No meridiano dos tempos o Senhor redimirá a humanidade por meio da expiação e da ressurreição. E então, nos últimos dias, redimirá da apostasia Israel dispersa, fazendo com que lhes seja restituído o conhecimento do Salvador.

### LÉHI PRESTA TESTEMUNHO DO SALVADOR

(2 Néfi 1:1–4:12)

O tema do Messias prevalece nos ensinamentos de Léhi, registrados por seu filho Néfi. O pai Léhi advertiu sua posteridade de que, se rejeitassem “o Santo de Israel, o verdadeiro Messias, seu Redentor e seu Deus, eis que sobre eles recairão os julgamentos de Deus, que é justo” (1:10).

*Testemunho da Expição:* Nas instruções a seu filho Jacó, Léhi fez uma análise da redenção, que “é obtida por intermédio do Santo Messias” (2:6). Léhi focalizou a necessidade de aprendermos sobre a expiação: “Quão importante é tornar estas coisas conhecidas dos habitantes da terra” (2:8). Que “coisas” são estas? Que ninguém pode habitar com Deus, a menos que seja por meio dos méritos, da misericórdia e da graça do Santo

Messias, que daria sua vida e tomá-la-ia novamente (vide 2:8). Para explicar a expiação, Léhi falou sobre os efeitos da queda e a necessidade de oposição em todas as coisas. Graças à queda e à oposição, os homens teriam o livre-arbítrio. (Vide 2:15–16.) Graças à redenção, eles poderiam distinguir o bem do mal e escolher a liberdade e a vida eterna. (Vide 2:26–27.)

*Testemunho da Restauração:* Léhi, em seus ensinamentos ao filho mais novo, José, mencionou a obra de redenção do Salvador nos últimos dias e citou as profecias de seu ancestral, José, que foi vendido para o Egito. O Senhor prometeu levantar um vidente, também chamado José, que levaria aos descendentes de José o conhecimento dos convênios do Senhor com seus pais. (Vide 3:7,15.) Além disso, o Senhor daria a esse vidente poder para restaurar as palavras de antigos descendentes de José, como se eles estivessem falando do pó. (Vide 3:11–12, 19–21.) Essas palavras foram reveladas hoje, por intermédio do Livro de Mórmon, e três desses descendentes que nos falam do pó são mencionados em 2 Néfi: Léhi, Jacó e Néfi.

Em seu último testemunho, Léhi fala sobre a promessa do Senhor de que seus descendentes não haveriam de perecer, mas, no fim, seriam abençoados. (Vide 4:5–9.) Nós, que vivemos nesta era da restauração, estamos vendo o cumprimento dessa bênção.

#### JACÓ PRESTA TESTEMUNHO DO SALVADOR

(2 Néfi 6, 9, 10)

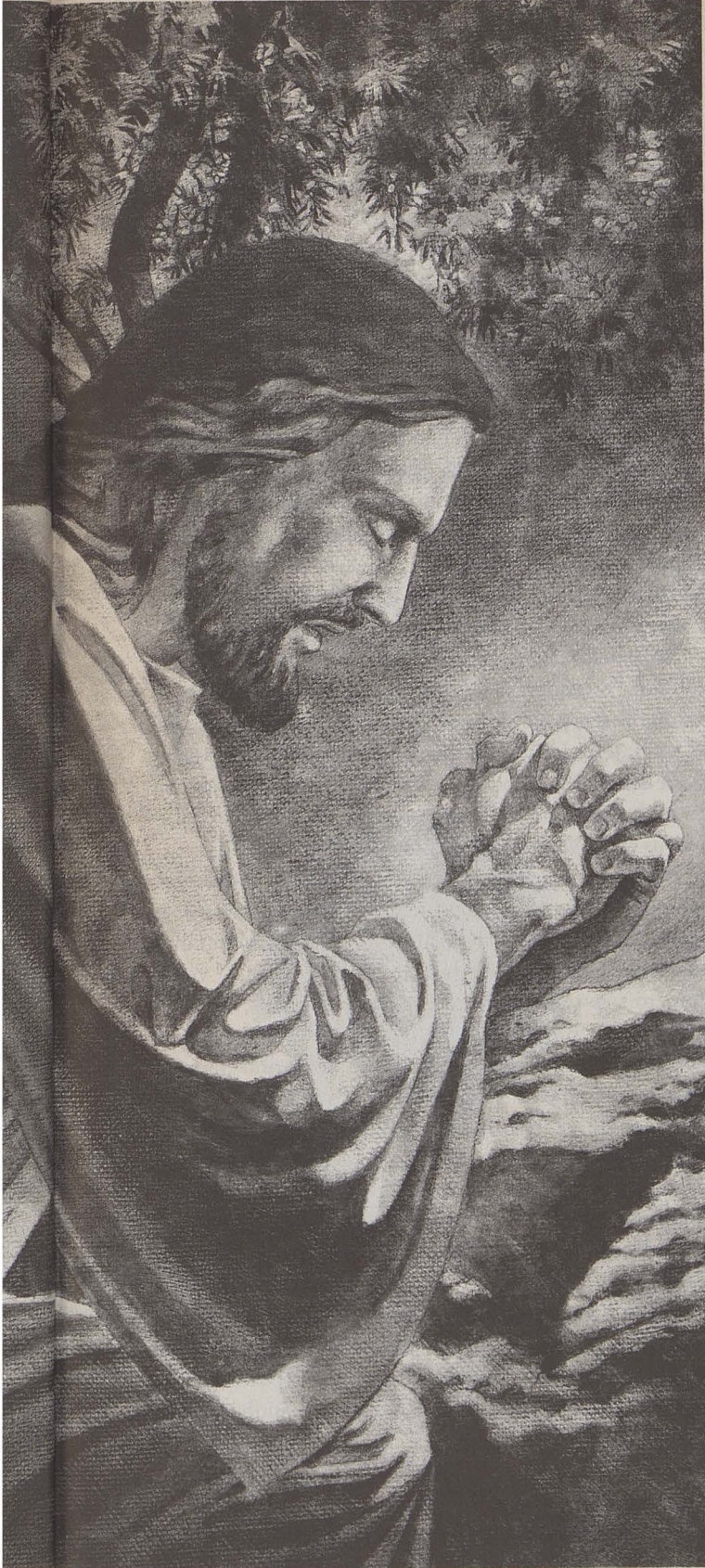
Jacó dá ênfase ao relacionamento do Senhor com seu povo. Ele ensina com fundamento nas escrituras — neste caso, as palavras de Isaías. (Vide 6:5–7, 16–18; 7:1–8:25.) As palavras de Jacó, registradas por Néfi, parecem ter sido ensinadas em dois dias sucessivos, provavelmente em algum tipo de assembléia, talvez uma comemoração religiosa.

*Testemunho da Restauração:* Jacó enfatizou que os nefitas eram membros da casa de Israel e que o

verdadeiro povo do Senhor é aquele que espera o Messias, tanto a sua primeira como a sua segunda vinda. (Vide 6:5, 13–14.) Ele prometeu que, no final, o Senhor reuniria todos os membros da casa de Israel nas terras de sua herança, onde viriam “a conhecer o seu Redentor” (6:11). Jacó ilustrou esta promessa com uma profecia de Isaías, que tomou um capítulo inteiro. (Vide o capítulo 8.) Citou também a pergunta do Salvador a Isaías: “Tanto se encolheu minha mão que já não te posso remir? Ou não há mais em mim força para livrar?” (7:2.) A resposta, naturalmente, é não, e Israel pode dizer com confiança: “O Senhor Deus me ajudará; não serei confundido” (7:7). Jacó explicou que o povo do convênio seria restituído “à verdadeira igreja e rebanho de Deus” (9:2).

No segundo dia, Jacó testificou que, nos últimos dias, Deus teria misericórdia dos israelitas “para que possam obter aquilo que lhes dará o verdadeiro conhecimento de seu Redentor” (10:2). Aquilo que lhes dará tal conhecimento é a coligação de Israel, após sua longa dispersão nas terras prometidas, que lhes pertencem por herança. (Vide 10:7, 10–11, 18–19.)

*Testemunho da Expição:* Jacó também testificou que seu povo necessitava de redenção espiritual; caso contrário, sua “carne teria que apodrecer . . . para não mais se levantar” e seus “espíritos deveriam tornar-se como . . . de um demônio, para (serem) afastados da presença de nosso Deus” (9:7,9). O Senhor, porém, redimiu seu povo, preparando-lhe um modo de escapar do terrível monstro, que é morte e inferno. (Vide 9:10,19.) A expiação e a ressurreição do Salvador tornarão possível a ressurreição de toda a humanidade, conduzindo-a ao tribunal do Santo de Israel. (Vide 9:12–15.) Para salvar-nos no reino de Deus, o Senhor ordena que nos arrependamos, sejamos batizados e tenhamos fé em Jesus Cristo. (Vide 9:23.) O pedido final de Jacó foi: “Possas Deus, portanto, levantar-vos da morte, pelo poder da ressurreição, e também da morte



**As testemunhas de 2 Néfi ensinaram que ninguém pode habitar com Deus, a menos que seja por meio dos méritos, da**

**misericórdia e da graça do Messias, que entregaria a própria vida e a tomaria novamente.**

eterna, pelo poder da expiação, a fim de que sejais recebidos no eterno reino de Deus” (10:25).

#### **ISAÍAS PRESTA TESTEMUNHO DO SALVADOR**

(2 Néfi 7–8, 12–24, 27)

Néfi reforçou seu próprio testemunho do Redentor, bem como o de Léhi e de Jacó, citando as profecias de Isaías sobre a vinda do Messias e a redenção de Israel nos últimos dias. Ele explicou seu propósito de maneira simples: “Para melhor persuadi-los a acreditar no Senhor, seu Redentor, eu lhes li o que foi escrito pelo profeta Isaías (1 Néfi 19:23). Um estudioso observou que, dos 425 versículos de Isaías citados no Livro de Mórmon, 391 tratam, de alguma forma, da missão ou atributos do Salvador. (Vide Monte S. Nyman, “*Great Are The Words of Isaiah*”, Salt Lake City: Bookcraft, 1980, p. 7.)

*Testemunho da Restauração:* Isaías possuía um testemunho certo e seguro do Senhor. Ele profetizou o futuro glorioso de Israel. Vez após outra contrastou a transgressão e obstinação do passado e sua futura redenção. (Vide 2 Néfi 13–14.) Ele declarou que chegaria o dia em que todas as nações procurariam paz e julgamento justo em Israel. (Vide 12:2–4.) Para que isso acontecesse, o Senhor primeiro estenderia a mão para recuperar os remanescentes de Israel, levantando um pendão para as nações. (Vide 21:11–12.) O Senhor chamaria um servo poderoso, a quem o Espírito iria conceder sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza e conhecimento. O trabalho desse servo, levantando um pendão para a coligação de Israel ajudaria, no final, a introduzir o Milênio. (Vide 21:1–10.)

*Testemunho da Expiação:* O sinal da primeira vinda do Senhor seria que uma virgem iria conceber e chamar seu filho de Emanuel, que significa “Deus conosco”. O nascimento do Redentor, ao contrário das expectativas de muitos, serviria de “pedra de tropeço e de rocha de escândalo para as duas casas de Israel” (2 Néfi 18:14). Entretanto, seria uma grande luz para o povo em trevas.

Paz e justiça caracterizariam seu governo, e seu reino não teria fim. (Vide 19:2, 6-7.)

O testemunho de Isaías sobre a expiação, encontrado nos capítulos citados por Néfi, está colocado no contexto da redenção de Israel nos últimos dias. As referências a “(lavar) a imundície das filhas de Sião” (14:4) e fazer com que a iniquidade da pessoa fosse “tirada” (16:7) se encontram em sua visão maior dos acontecimentos que cercam a segunda vinda do Senhor. Néfi sabia que era difícil para seu próprio povo entender as profecias de Isaías, mas elas eram valiosas (vide 25:1-3), e ele as explanou, usando suas próprias profecias nos capítulos finais de 2 Néfi. Néfi também entendia quão valiosas seriam as profecias de Isaías para os futuros leitores: “pois que sei que lhes serão de grande valor nos últimos dias; porque então as entenderão; e, portanto, as escrevi para o seu bem” (25:8).

#### O TESTEMUNHO DE NÉFI A RESPEITO DO SALVADOR

(2 Néfi 11, 25-26, 28-33)

Após ter apresentado os testemunhos de Léhi, Jacó e Isaías, Néfi escreveu: “Continuo com a minha própria profecia” (25:7). Seguindo o modelo de outros testificadores, ele profetizou o ministério terreno do Salvador e a redenção de Israel nos últimos dias. As outras três testemunhas haviam feito suas profecias em estilos próprios, e Néfi fez o mesmo. A marca de suas profecias era a clareza, para que ninguém cometesse erros. (Vide 25:4,7.)

*Testemunho da Expiação:* Néfi começou seu testemunho do Salvador com esta profecia: “Eles o crucificarão e depois de ter permanecido numa sepultura, pelo espaço de três dias, se levantará dentre os mortos, com o poder de curar em suas asas; e todos os que crerem em seu nome serão salvos no reino de Deus” (25:13). Néfi também ampliou o ministério terreno do Salvador, incluindo nele os nefitas e prometendo que o

Salvador os visitaria e curaria, e que eles teriam paz durante três gerações. (Vide 26:9.) Descreveu também em detalhes o caminho da salvação, que denominou “a doutrina de Cristo” (31:2). O discípulo deveria seguir o exemplo do Filho de Deus, sendo batizado e recebendo o Espírito Santo. Depois disso, deveria prosseguir com esperança e amor, perseverando até o fim, quando o Pai haveria de dizer: “Tereis vida eterna” (31:5-20).

*Testemunho da Restauração:* Néfi previu o dia em que o Senhor “estenderá a sua mão pela segunda vez, para restaurar seu povo de sua queda e estado de perdição” (25:17). Jesus Cristo se revelaria ao mundo no último dia (vide 26:12-14), e todos — “branco ou preto, escravo ou livre, homens ou mulheres; . . . pagãos; e . . . tanto judeus como gentios” — viriam a ele. (Vide 26:33.)

Uma de suas grandes obras seria um livro, escrito por um povo antigo, mas parcialmente selado, que seria uma revelação de Deus. (Vide 27:6-10.) A lei de testemunhas também se aplicaria a este livro, pois ninguém o veria, “exceto três testemunhas, pelo poder de Deus, além do que receber o livro” e “uns poucos, de acordo com a vontade de Deus”, que dariam “testemunho de suas palavras aos filhos dos homens” (27:12-13).

A lei de testemunhas também se aplicaria ao testemunho de Deus nos últimos dias: “Não sabeis que o depoimento de duas nações é o testemunho de que eu sou Deus?” (29:8.) A Bíblia seria insuficiente, e o Senhor estabelecerá sua palavra, revelando o Livro de Mórmon. (Vide 29:3-7, 12-13.)

Como demonstra Néfi, o Salvador não nos deixou sem provas das coisas espirituais. Ele nos deu testemunhos suficientes, incluindo o do Espírito Santo, que nos permite acrescentar o nosso testemunho aos de 2 Néfi. □

*Bruce A. Van Orden é professor assistente de história da Igreja na Universidade Brigham Young, em Provo, Utah. Serve como sumo conselheiro na Estaca Brigham Young University Second.*

**A**lguma vez já sentiu que não conseguia vencer determinada dificuldade? O Pai Celestial nos ama e deseja ajudar-nos a resolver os problemas que enfrentamos. Ele quer mostrar o quanto se importa, mas é preciso que nos comuniquemos com ele e ouçamos sua resposta.

A oração é uma forma de comunicação muito pessoal com o Pai Celestial. O "Pai Nosso" nos dá um exemplo de como devemos orar. (Vide Mateus 6:9-13.) Eis algumas diretrizes básicas:

1. Começar com uma saudação, como Cristo fez, quando disse: "Pai nosso, que estás nos céus."

# COMO ORAR

2. Fazer com que o Pai Celestial saiba que o amamos, respeitamos e somos agradecidos. Cristo disse: "Santificado seja o teu nome. Venha o teu reino, seja feita a tua vontade."

3. Pedir-lhe que nos ajude em nossas necessidades. As palavras do Salvador, "o pão nosso de cada dia nos dá hoje", mostram que é bom rogar ao Senhor que se envolva em nossa vida.

4. Pedir o perdão de nossos pecados, erros e fraquezas. "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores."

5. Terminar a oração com humildade, gratidão e respeito. Cristo o fez, dizendo: "Porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém." Terminamos a oração em nome de Jesus Cristo, porque sua expiação tornou possível nos aproximarmos do Pai Celestial em oração.

Naturalmente, a oração pode incluir muito mais, ou, em momentos de emergência, muito menos. Se não sabemos como nos comunicar com o Pai Celestial, tentemos pedir-lhe que nos ajude a orar. Ele responderá.

**Esperar um Minuto.** Damos ao Pai Celestial a oportunidade de responder, quando falamos com ele? Tentamos *escutar*, antes de tirarmos os joelhos do chão? Isto nos dará melhores condições de reconhecer a resposta que ele deseja dar.

Eis mais algumas idéias sobre a oração eficiente:

*Expressão sincera:* A oração é a hora em que devemos realmente abrir o coração a um Pai Celestial amoroso, sem o uso de repetições memorizadas.

*Meditação:* A oração envolve quietude, meditação e atenção à influência do Espírito.

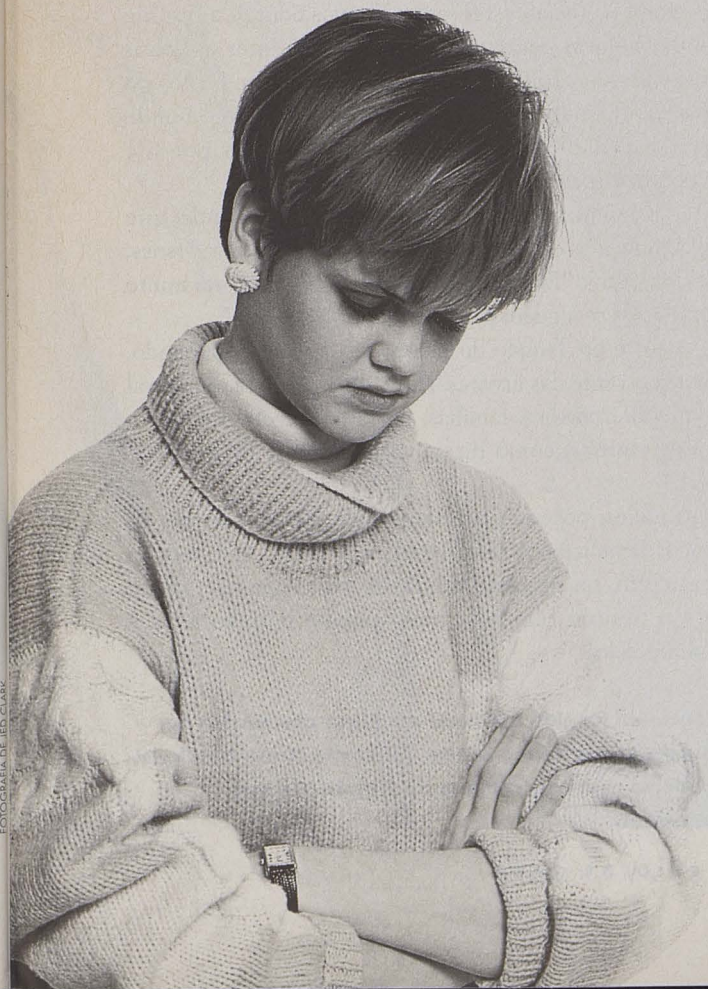
*Adoração:* A oração é a hora de louvar a Deus, contar bênçãos e expressar gratidão.

*Solução de problemas:* A oração nos permite expor nossos problemas ao Pai Celestial e vê-los sob uma perspectiva eterna.

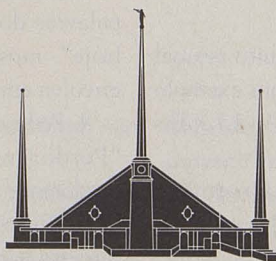
*Aprendizado:* A oração pode ser a oportunidade de receber entendimento do Senhor.

*Fortalecimento:* A oração pode dar-nos forças para escolher o que é certo e enfrentar problemas difíceis.

*Auto-avaliação:* Por meio de oração o Senhor pode ajudar-nos a examinar nosso progresso e descobrir nossas fraquezas, convertendo-as em virtudes. □



# COISAS ETERNAS



Richard M. Romney

**Vindos de toda a Escandinávia, jovens SUD se reúnem, desejosos de participar de bênçãos eternas.**

O bosque aqui é calmo e quieto, principalmente ao entardecer. Uma brisa suave como um hino murmura entre os pinheiros. É como se este bosque tivesse sempre sido um lugar sagrado, o tipo de refúgio oferecido por uma clareira na mata.

Por mais tranqüilo que seja o bosque, porém, os rapazes e as jovens aqui reunidos parecem igualmente reverentes. Eles conversam em voz baixa, mas com alegria. Acabaram de passar várias horas no Templo de Estocolmo Suécia, a casa do Senhor.

“A ida ao templo me faz sentir puro e feliz”, diz Thor André Erak, de dezesseis anos de idade.

Lillian Nilsen, de dezessete anos, concorda. “Todos os que freqüentam o templo fortalecem seu testemunho, graças ao espírito nele reinante”, diz ela. “Quando nos batizamos pelos mortos, sentimos que estamos fazendo isso por *alguém*, que talvez se torne membro da Igreja. É uma forma eficiente de realizar a obra missionária.”

Este grupo de jovens SUD pertence à Ala Oslo II, Estaca Oslo Noruega, mas poderia ser das ilhas remotas da Finlândia, das cidades portuárias da Dinamarca, ou do movimentado centro de Estocolmo, que fica a poucos minutos da auto-estrada. A verdade é que os jovens comparecem ao templo, vindos de toda a Escandinávia.

“Esta é a minha segunda viagem”, declara Charlotte Marie Lundkvist, de doze anos. “Na última vez viemos

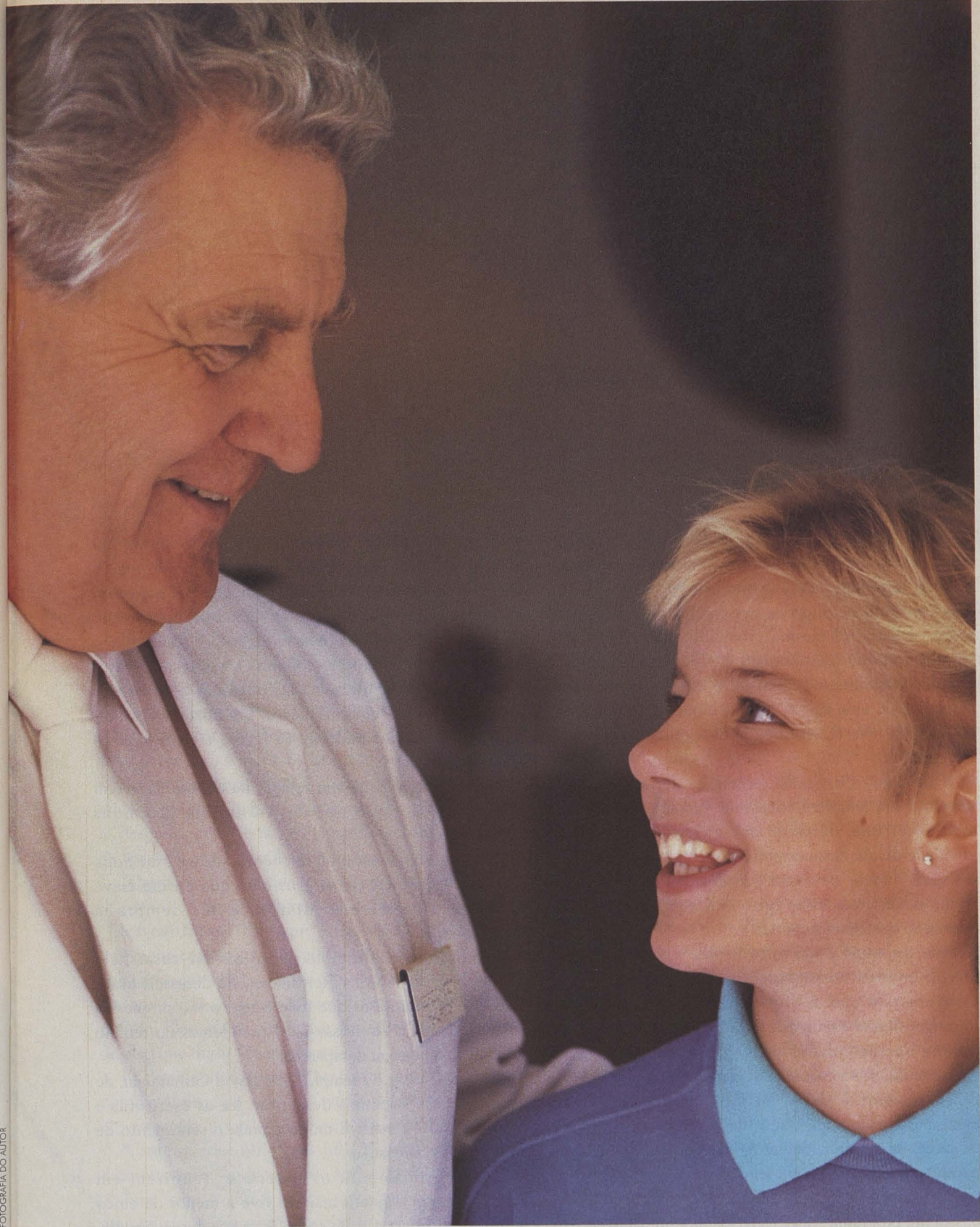
com a estaca toda, e eu fui batizada em lugar de quarenta e cinco pessoas. Depois fomos para a casa do presidente do templo e tivemos um serão. Ele nos contou a história de um homem paraplégico que não podia fazer as coisas por si mesmo e tinha que depender dos outros. É isto que estamos fazendo aqui. As pessoas que estão no mundo espiritual não podem realizar as ordenanças por si e dependem dos outros.”

“Talvez nos estejam observando, esperando que alguém faça as ordenanças por elas”, diz Kristina Arnes, de treze anos. “Em situação semelhante, eu ficaria muito agradecida se alguém fizesse o mesmo por mim.”

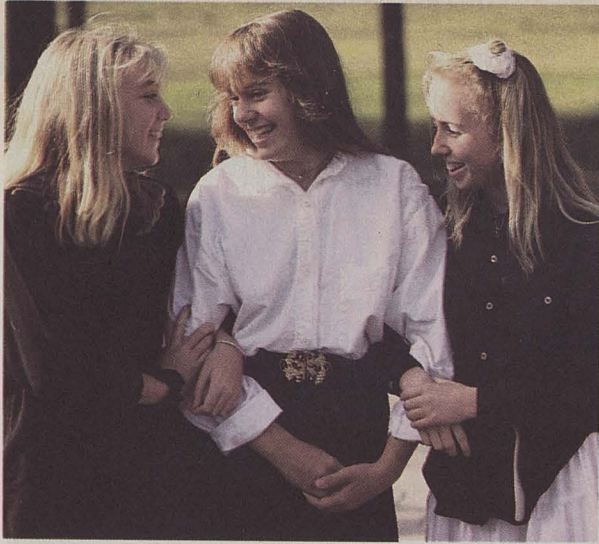
A torre do Templo de Estocolmo se eleva, brilhando, contra o verde das árvores. Aqui, à sua sombra, é natural falar sobre missões, famílias, promessas e eternidade — coisas eternas, como dizem as escrituras. (Vide D&C 79:1.)

Aqueles, porém, que chegam de longe, não são os únicos beneficiados pelo templo. Os jovens que moram bem perto, na pequena cidade de Vasterhaninge, dizem que o templo tem sido uma grande bênção para a comunidade.

**Depois de ter sido batizada em lugar dos mortos no Templo de Estocolmo Suécia, Charlotte Marie Lundkvist conversa com o presidente do templo, George Damstedt.**



FOTOGRAFIA DO AUTOR



**Os jovens que freqüentam o templo sabem que fazem parte de algo importante, de algo que durará para sempre.**

“Passo na frente do templo de ônibus”, diz Roy Gunnarsson, de dezessete anos. “Naturalmente muitas pessoas visitaram o edifício antes de ter sido dedicado, mas continuo ouvindo as pessoas falarem dele quase todos os dias, até mesmo criancinhas. A reação mais comum quando contemplam é: ‘Que edifício lindo!’ Quando descobrem que eu sei o que é, fazem muitas perguntas: ‘É uma igreja?’ ‘O que é que as pessoas fazem lá?’ É uma bela oportunidade de explicar o plano de salvação.”

“Para mim”, diz Cecília Jensen, de dezesseis anos, “o templo é um lembrete constante. Nossa capela fica no mesmo terreno, de modo que quando vamos a uma atividade de ala, ficamos perto do templo o tempo todo. Às vezes vemos os casais saindo, depois de selados. Como poderíamos estar perto dele tanto tempo e não pensar no que ele representa?”

Sim, o templo é um forte lembrete, e o espírito de envolvimento no evangelho é sentido por todos. Conversando com o bispo Engman, da Ala Vasterhaninge, descobrimos que o índice de freqüência dos jovens nas atividades é de quase 100 por cento. Atualmente, seis missionários da ala cumprem missão de tempo integral, e “nossa meta é que todos os rapazes cumpram missão”. Os alunos de seminário, em número de doze, se reúnem fielmente na capela, às 6h30 da manhã, de segunda a sexta-feira.

E a Ala Handen, que se reúne no mesmo edifício, possui um programa para jovens igualmente valioso.

Como muitos dos oficiantes do templo moram na vizinhança, a presença mórmon em Vasterhaninge é forte. Os santos dos últimos dias compõem 1.4 por cento da população, o que lhes dá envergadura no governo local, nos projetos de moradia e nos grupos políticos. Ao invés de serem os únicos mórmons nas escolas, muitos jovens santos dos últimos dias possuem dois ou três amigos membros em sua classe. Os professores têm conhecimento dos padrões da Igreja e respeitam os ideais SUD.

No entanto, possuir um templo na comunidade tem feito mais do que apenas tornar os mórmons conhecidos.

“Ter um templo aqui me faz sentir segura”, diz Sofia Sivula, de quatorze anos. “Faz com que eu me eleve acima dos problemas diários e me lembra a eternidade.”

“Quando vejo o templo penso em me casar nele algum dia”, diz Annika Reithmeier, de dezesseis anos. “Sei que as promessas que nele fazemos são promessas feitas ao Senhor. As coisas que aprendemos no templo nunca vão mudar ou desaparecer.”

“Gosto de estar no templo”, diz David Girhammar, de quinze anos. “Podemos descansar, ler as escrituras e esquecer tudo o mais. É muito grande o sentimento de conforto que nele existe.”

É muito fácil para os jovens se reunirem em Vasterhaninge, já que a maioria vive a menos de cinco minutos da capela. Quase todas as sextas-feiras, à noite,

**Patric Balck não só sentiu alegria em realizar ordenanças no Templo de Estocolmo, mas também ganhou, assim, dinheiro para financiar sua missão.**



um grande grupo de adolescentes se congrega na ala. Às vezes surge a oportunidade de conhecerem jovens de outras áreas, que estão indo para o templo ou saindo dele.

“É muito bom quando os jovens de Gotenborg vêm a um baile nosso, diz Paul Engman, de dezesseis anos, mas do que mais gosto mesmo é de ver tantos jovens na casa do Senhor. Sentimos que a Igreja é forte.”

O presidente do templo, George Damstedt, adora falar sobre os jovens fiéis que vão ao templo. Alguns viajam muitas horas para lá chegar. Muitos grupos ficam em abrigos para jovens excursionistas, a fim de diminuir as despesas. A maioria assiste pelo menos a duas sessões de batismo, antes de voltar para casa.

“Certa vez fui convidado a viajar num ônibus lotado de jovens da Finlândia”, recorda o Presidente Damstedt. “Eles cantaram ‘Sou um Filho de Deus’, e eu não consegui conter as lágrimas. Não pude entender as palavras, mas senti o Espírito. É fácil visualizar o futuro da Igreja aqui. Pertence a estes jovens que freqüentam o templo. Eles sabem que fazem parte de algo importante, de algo que durará para sempre.”

O Presidente Damstedt acaba de sair, e está lá fora, conversando com o grupo vindo de Oslo, aqui neste bosque, onde as tardes são frescas e a brisa é suave.

“Está um pouco frio”, diz Julie Karine Rennesund, de dezessete anos, “mas continuo aquecida por dentro”.

Julie sabe, como o sabem também os outros jovens aqui reunidos, que esse calor permanecerá com ela.

## ○ Encarregado de Cuidar do Jardim do Templo

Muitos jovens acham meios de pagar sua missão, mas Patric Balck encontrou o que chama de “lugar ideal para trabalhar”.

Patric, de dezoito anos, um élder recém-ordenado na Ala Handen, cuida do jardim do templo de Estocolmo e é aprendiz de jardineiro. Nos últimos quatro anos trabalhou cortando a grama, podando árvores e arbustos e cuidando das flores, sob a direção do encarregado-chefe.

“É mais do que apenas um trabalho”, diz Patric. “Dá-me a oportunidade de conversar com amigos não-membros e turistas. Já distribuí vários exemplares do Livro de Mórmon. Procuo fazer com que as pessoas que visitam o jardim do templo se sintam em casa. E, é claro, tento fazer com que tudo fique bem bonito.”

Patric diz que o templo é um lugar maravilhoso para trabalhar, “graças ao sentimento de paz que está sempre presente aqui”. Ele acrescenta que nota um novo interesse em religião por parte dos jovens da Suécia, e que tem grande desejo de cumprir missão e descobrir se tal interesse está crescendo também em outros lugares. □

*Nota do editor: Desde que esta história foi escrita, Patric já recebeu seu chamado e atualmente está servindo na Missão Idaho Boise.*



# TEMAS DAS ESCRITURAS

## SEGUNDO CONCURSO DE ARTE INTERNACIONAL

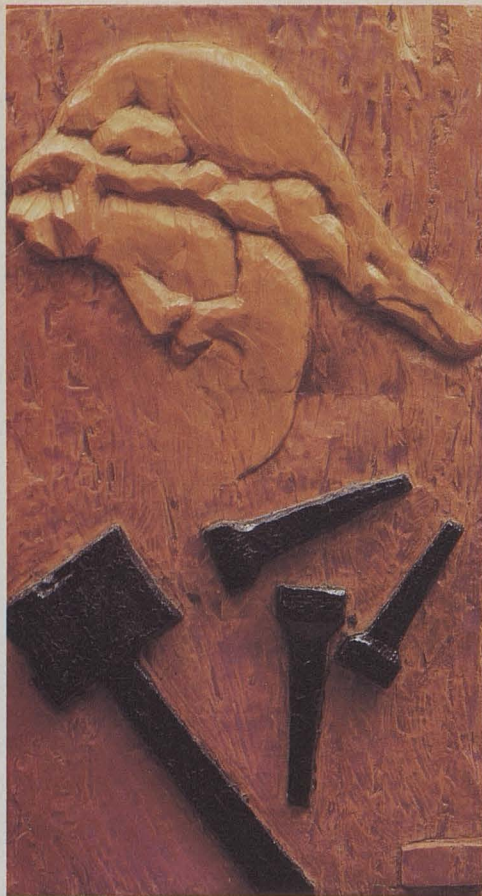
Glen M. Leonard

**P**inturas a óleo retratando histórias das escrituras, belas cerâmicas, trabalhos de agulha mostrando temas da vida de Cristo, uma colcha de retalhos simbolizando o sacerdócio mundial — estas obras de arte representam a variedade de peças inscritas no Segundo Concurso de Arte Internacional, patrocinado pelo Museu de História e Arte da Igreja.

Mais de oitocentos artistas santos dos últimos dias, de quarenta e duas nações, responderam à convocação do museu feita em fevereiro de 1990, para a criação de obras de arte que retratassem temas das escrituras. Os artistas se inspiraram nas obras-padrão. Depois, utilizando-se de formas e estilos artísticos variados, criaram belos trabalhos, baseados em temas das escrituras.

Um comitê de seis membros selecionou cerca de duzentas obras, a serem expostas no museu da Cidade do Lago Salgado. Dessas, vinte deram aos autores prêmios em dinheiro, e várias outras, prêmios de aquisição (compra da obra), oferecidos por um doador anônimo. A exposição ocupou quatro galerias do museu, com obras de principiantes talentosos, bem como de artistas com anos de experiência. Estilos representando tradições culturais de todos os continentes foram incluídos. Os juízes se mostraram muito satisfeitos com a alta qualidade dos trabalhos apresentados e com a criatividade dos artistas ao retratarem pessoas, princípios, histórias e mensagens das escrituras dos santos dos últimos dias.

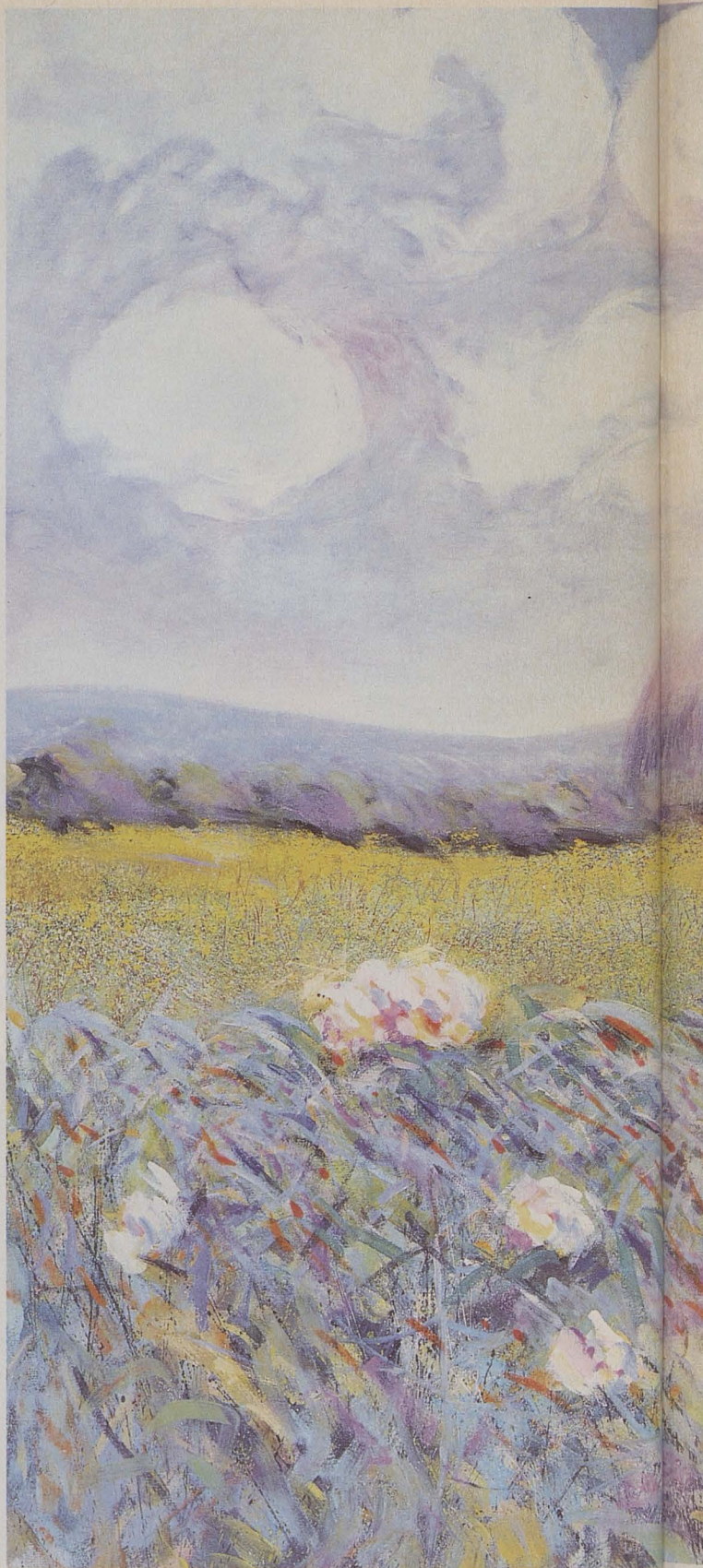
**Os discípulos de Emaús, pintura a óleo sobre tela, de Marie-France Guigny, Biviers, Isere, França.**

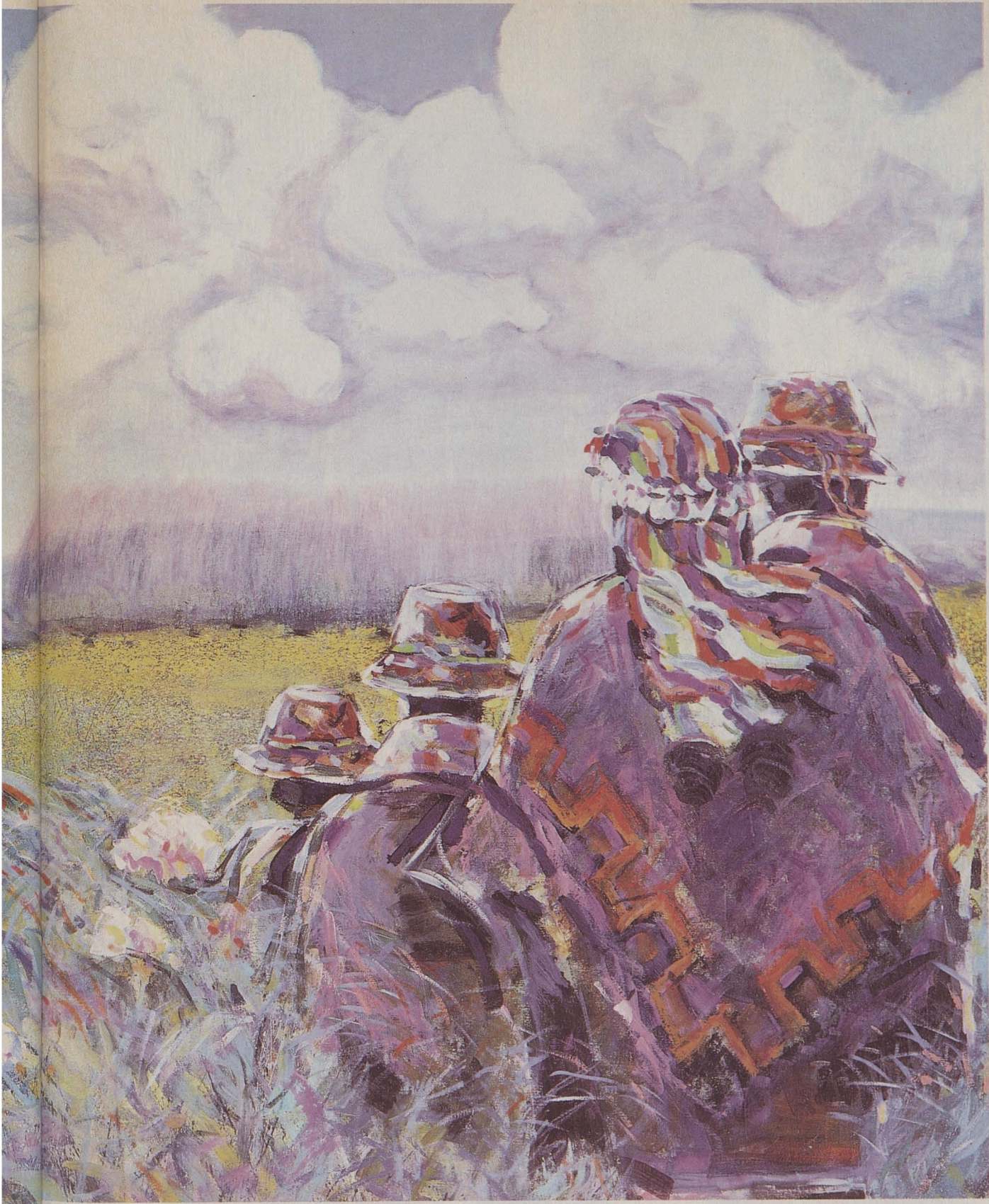


**O Sofrimento de Jesus Cristo, escultura em madeira de Sebastião Dorival Rodrigues, São Paulo, Brasil.**  
**Amumn Petu: Ide Portanto, pintura a óleo e acrílico em tela, de José R. Riveros, Santiago, Chile.**

“Testemunhamos um aumento na qualidade artística, desde o primeiro concurso, há quatro anos, e um esforço genuíno para aplicar a criatividade a idéias religiosas”, declarou Robert Davis, curador de arte do museu e um dos juízes. “Os artistas que apresentaram trabalhos vêm de muitas tradições culturais, mas compartilham a mesma orientação evangélica. Pode-se comprovar isto em suas pinturas e esculturas, nas colchas de retalhos, nos trabalhos de agulha, nas cerâmicas e em outras expressões artísticas.”

Muitos dos participantes aceitaram o desafio criando uma obra que expressa seu testemunho dos princípios do evangelho: expiação, oração, batismo, serviço, paz e verdade, por exemplo. Outros procuraram inspiração nos acontecimentos e histórias da Bíblia: a criação, a expulsão de Adão e Eva do









**Aarão e o Bezerro de Ouro, bordado  
de Sven Spersberg, Estocolmo, Suécia.**

**Primeira Visão, gravura em chapa de linóleo sobre  
papel, de Warren Luch, Cidade do Lago Salgado, Utah.**

Jardim do Éden, a túnica de muitas cores de José, as provações de Jó, a história de Ester, a Última Ceia, o sofrimento do Salvador no Getsêmani e a revelação de João. Outros, ainda, voltaram-se para o Livro de Mórmon, escolhendo tópicos como a Liahona, o povo de Limhi, o estandarte da liberdade, a visita de Cristo aos nefitas, e Morôni com as placas. As escrituras modernas inspiraram outros temas, como a Primeira Visão, o aparecimento do Livro de Mórmon, a obra missionária, a aparição de Cristo no Templo de Kirtland e a trilha dos pioneiros.

“Queríamos reconhecer artistas cujas obras foram julgadas exemplares na maneira de tratar os temas das escrituras, e de alto nível artístico”, declarou Richard Oman, um dos juízes e curador de arte do museu.



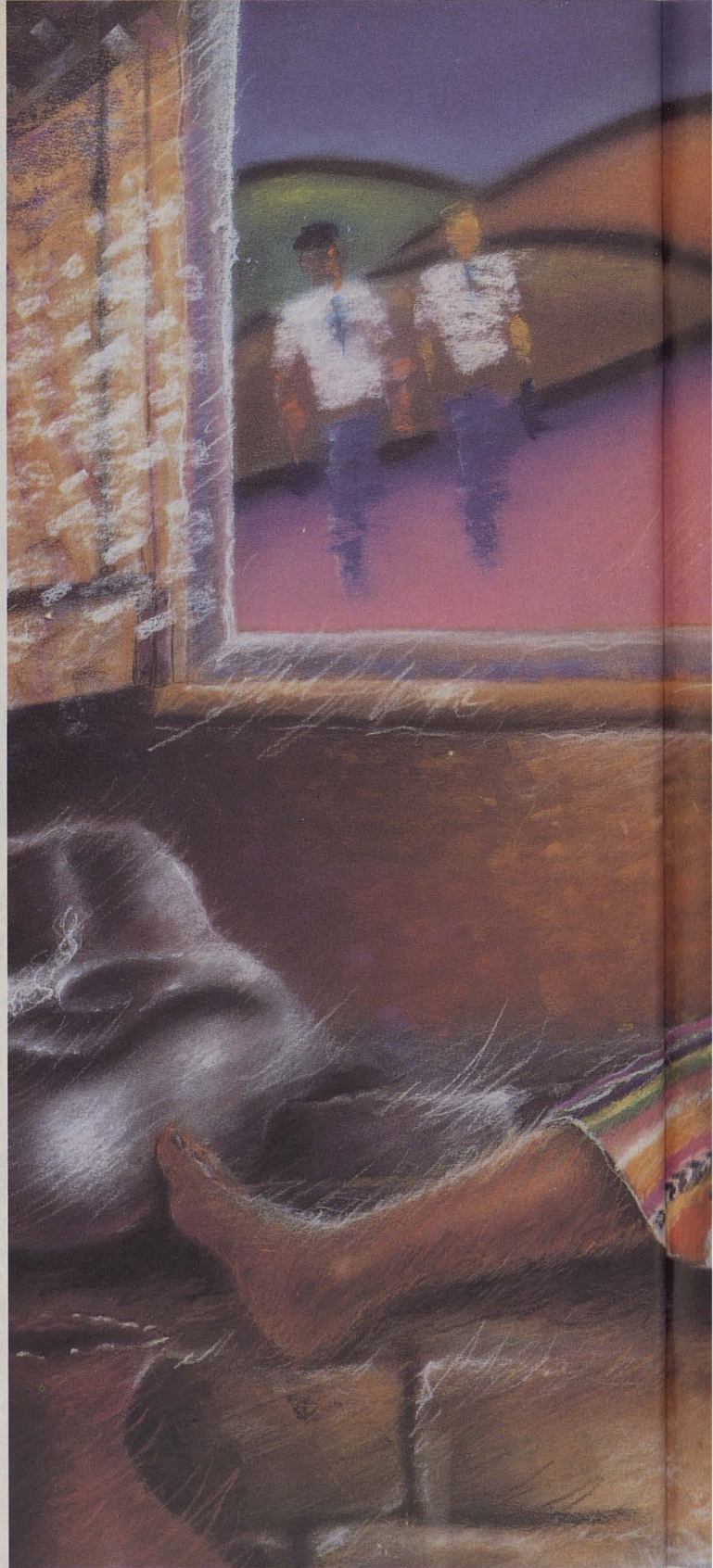
**Livro de Gênesis: Capítulo Um, cerâmica de  
C. Dean Draper, Fresno, Califórnia.  
Pronta para o Convênio, pastel a óleo em painel,  
de Erick Duarte, Las Rosas, Guatemala.**

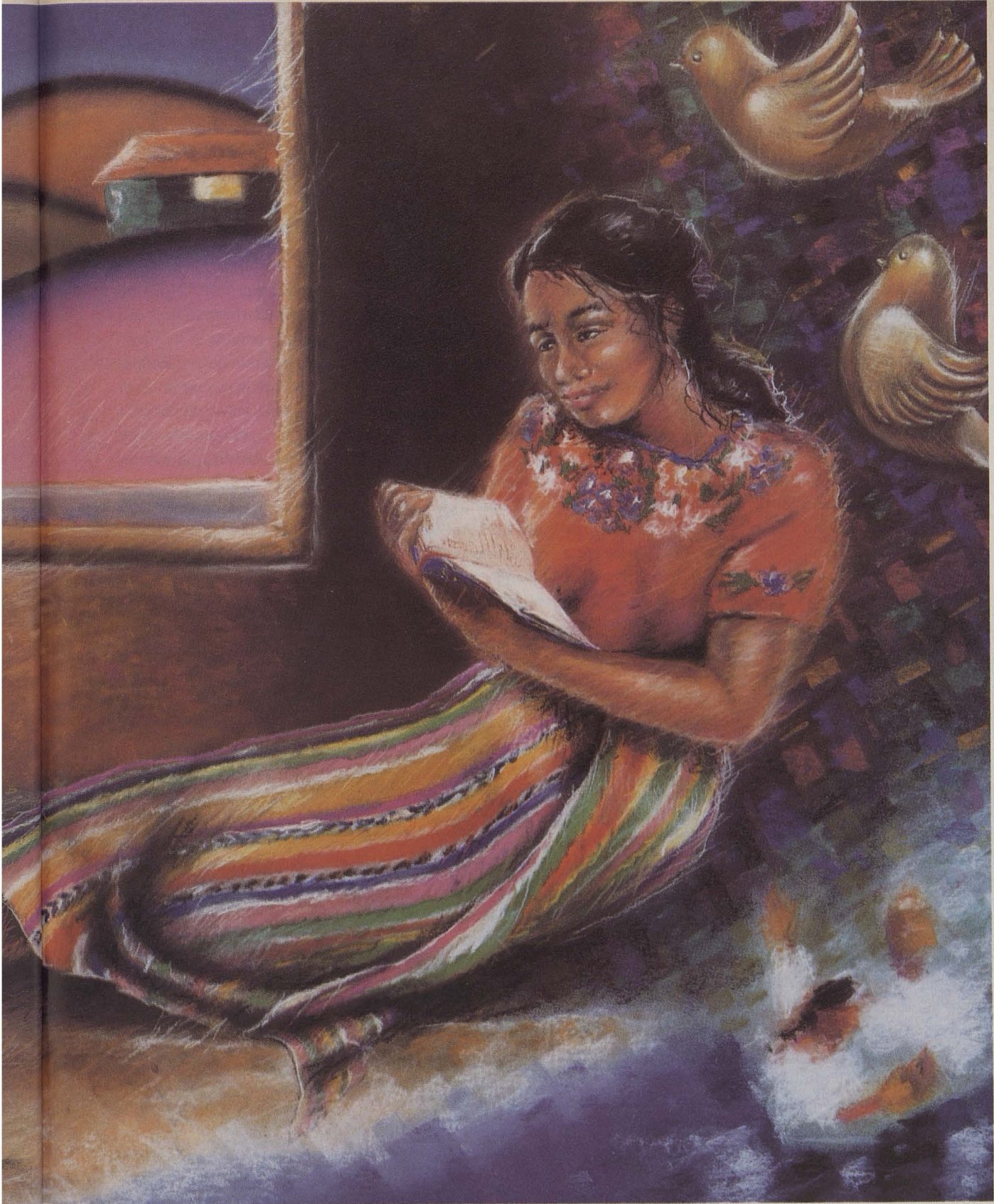
“Julgamos batiques da Indonésia de acordo com o padrão artístico aplicado a batiques, pinturas a óleo do Chile de acordo com os padrões de pintura latino-americanos, e colchas de retalhos de Utah de acordo com os padrões aplicados a esse trabalho, mas todos os artistas deviam basear o tema de seus trabalhos nas escrituras.”

Este concurso certamente incentivou os artistas santos dos últimos dias a expressarem sua fé por meio da arte religiosa, com a Igreja toda se beneficiando de seus talentos. □

Além das obras apresentadas neste exemplar de *A Liahona*, outros trabalhos do concurso serão publicados em edições futuras, na terceira capa ou como ilustrações para artigos.

Glen M. Leonard é o diretor do Museu de História e Arte da Igreja.





# É Maravilhoso Dizer

**E**u me havia preparado por muito tempo e com muito empenho para os exames de admissão a uma escola especial, na cidade onde moro, Chiclayo, no Peru. Esperava ingressar no programa de educação elementar e aprender a usar meus talentos no campo da música e da dança, para ensinar crianças. Na verdade, estava tão determinada, que passei os três meses de férias, depois de me formar no segundo grau, preparando-me para os exames.

Como todas as melhores escolas de Chiclayo, aquela que me interessava era filiada à Igreja Católica; esta, porém, que oferecia cursos do jardim da infância até a idade universitária, já havia admitido meu irmão de cinco anos de idade. Portanto, achamos, minha mãe e eu, que eu não teria problema para ser aceita, mesmo sendo membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Chegou o dia dos exames de admissão, e eu me apresentei na parte de demonstração de talentos, na qual cantamos, brincamos e dançamos com as crianças.

Mais tarde, quando chegou a hora de minha entrevista pessoal com uma banca examinadora, orei antes de entrar na sala. Os três examinadores começaram a fazer-me perguntas sobre meus talentos e meus antecedentes. Disse-lhes que pertencia ao Balé Municipal de Chiclayo, que completara doze etapas do curso de piano, e havia tirado o primeiro lugar em *Marineira* e *Huayno* — danças folclóricas.

Então eles me perguntaram a que igreja eu pertencia. Respondi: "Sou Mórmon." Os examinadores me olharam muito surpresos, mas fiquei tranqüila. Eles perguntaram se eu sabia que a escola não admitia ninguém que não fosse católico. Repliquei que acreditava em Deus e Jesus Cristo e, portanto, era cristã. Concluí dizendo crer no livre-arbítrio e saber que havia escolhido a verdade.

Olhando-me nos olhos eles declararam que eu não poderia, de forma alguma, ser admitida, por causa de minha religião; perguntaram-me também se não me sentia constrangida em dizer o que dissera. As palavras

do apóstolo Paulo me vieram à mente: "Não me envergonho do evangelho de Cristo" (Romanos 1:16). Disseram-me então que podia sair do recinto.

Todos os meus sonhos pareciam ter-se despedaçado à minha frente. Pensei enquanto havia esperado esta oportunidade e no quanto minha mãe se sacrificara para me ajudar. Meu testemunho da Igreja, porém, era forte. Eu sabia que era muito mais valioso do que minha admissão em qualquer escola.

Quando cheguei em casa e contei à minha mãe o que acontecera, ela se dirigiu à escola, e perguntou à diretora-assistente por que eu fora desqualificada, quando meu irmãozinho havia sido admitido. A mulher replicou que Luis Enrique, com apenas cinco anos de idade, não era responsável por suas crenças, mas eu, com dezesseis, era.

Minha mãe dirigiu-se aos examinadores. Falou-lhes a respeito da Igreja e de nossa crença em Deus e em seu Filho, Jesus Cristo. Contou-lhes algumas de nossas experiências desde que nos tornamos membros, em 1983, e as mudanças que ocorreram em nosso lar. Os examinadores responderam: "Não se preocupe. Vamos estudar este caso." Minha mãe, então, voltou para casa.

Ela me disse que, se confiássemos no Senhor, tudo acabaria bem. Sugeriu também que começássemos, ambas, a jejuar.

Mais tarde, no mesmo dia, descobrimos que eu fora aprovada no teste de talentos. Agora precisava passar no de conhecimentos, que seria no dia seguinte.

Passei a noite toda estudando. Orei com muita fé antes de começar o teste na manhã seguinte. Parecia fácil. Fui uma das primeiras a terminar e voltei para casa, para junto de minha mãe e de minha tia. Esperamos a tarde toda pelo passar das horas, até que o resultado fosse divulgado.

Ao anoitecer fui à escola para ver os resultados, orando durante todo o trajeto. Quando entrei no escritório, li a lista de admissão. Meu nome estava lá! O Senhor havia respondido a nosso jejum e às orações.

# r “Sou Mórmon”

Yessenia Meneses Falla

Hoje, muito ocupada na minha nova escola, levo minhas escrituras comigo o tempo todo. Uma das minhas favoritas é Mateus 5:16: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.”

Sei, mais do que nunca, que jamais devo esconder meu testemunho. Devo ter sempre orgulho de dizer “Sou mórmon” □





# UMA ORAÇÃO NA FAVELA

Debbie Pearce

**N**o dia 26 de outubro de 1964 a cidade de Kingston, na Jamaica, registrou oficialmente o nascimento de gêmeos. Foi aí que iniciei minha vida. Nunca conheci meus pais. Fui criada por minha avó. O primeiro lar que conheci foi um barraco de madeira de um só quarto, numa favela.

Crescendo em extrema pobreza, vi minha avó enfrentar muita dificuldade para nos sustentar. Ela se levantava às cinco horas da manhã todos os dias, da velha cama esfarrapada que compartilhava com mais cinco membros da família. Depois de acordar as crianças, levava-nos à procura de tijolos. Com os tijolos que conseguimos juntar, fez um forno para assar pão, que seria vendido aos vizinhos. Vovó trabalhava o dia todo, mas sempre tinha um sorriso na face e parecia feliz.

Não dispúnhamos de água corrente em nosso barraco, que com muitos outros, formava um conjunto. Havia apenas um cano de água, de onde todos se serviam com baldes, que eram levados na cabeça até a casa. O cano de água era cercado por uma área verde lamacenta, que as crianças usavam como "playground". As crianças da favela nem sempre usavam roupas. Geralmente eram cobertas apenas de lama e sujeira. Os banheiros ficavam no centro do conjunto, para que todos pudessem usá-los.

A pouca auto-estima e a falta de dinheiro na vizinhança fez com que muitos se valessem da imoralidade como meio de escape, o que levou a um aumento de população e congestionamento na favela. A maioria das pessoas não trabalhava e dependia do governo para se alimentar. Para obterem boas roupas e outros bens materiais, freqüentemente roubavam.

Minha melhor amiga nasceu nas ruas. Sua mãe tinha apenas quatorze anos de idade na ocasião. Seguindo os passos da mãe, ela teve seu primeiro filho aos treze anos, fazendo com que sua mãe se tornasse avó aos vinte e sete anos. Aos dezenove ela teve o terceiro filho. Depois de abandonar o terceiro namorado, foi morar com a mãe, adicionando seus três filhos aos seis da mãe. Antes de fazer vinte anos, minha amiga já era responsável por nove crianças com menos de sete anos. Observando a vida que ela levava, compreendi que desejava algo melhor para mim. Eu queria um lar e uma família. Sabia que tinha que sair da favela.

Minha avó me ensinara a orar à noite, antes de ir para a cama, mas, a quem eu estava orando? Como era ele? De onde vinha? Estas eram perguntas que não podiam ser respondidas. Sentia-me como se estivesse num mundo escuro e triste, sem esperança de obter alguma luz.

Determinada a descobrir mais sobre este mistério, comecei a freqüentar a igreja à qual pertencíamos, pois minha avó dissera que Deus podia ser encontrado lá. Isso, porém, não me ajudou muito. Só me confundiu ainda mais. Ensinaram-me sobre Jesus Cristo e o Espírito Santo, que, foi-me dito, eram um só com Deus.

Visitei muitas outras igrejas. Quando estudamos a Bíblia e a vida de Cristo, tive um sentimento muito diferente.

Descobri que esse sentimento tinha algo a ver com Cristo, a Bíblia, o Espírito Santo e Deus, mas continuava confusa. Comecei a orar e a confiar no Senhor. Ainda assim, algo me faltava. Embora me sentisse bem ao ler a Bíblia, não conseguia manter esse sentimento comigo o tempo todo.

Uma professora me disse que o batismo era uma forma de reter esse sentimento; fui batizada, mas nada mudou. Porque todas as igrejas pareciam iguais, decidi ficar em casa e estudar por conta própria. Encontrei-me orando mais intensamente ao Senhor, para que ele me ajudasse a encontrar o verdadeiro caminho que levava à sua presença. Ele ouviu minhas orações.

Conheci um rapaz e tornamo-nos amigos. Nos dez meses seguintes, compartilhamos nossas idéias e pensamentos sobre muitas coisas, mas nunca sobre religião. Um dia descobri que meu amigo tinha consigo uma Bíblia e perguntei-lhe se ia à igreja e como era o nome da igreja à qual pertencia. Era um nome muito comprido — A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Não fiquei nem um pouco interessada — parecia só mais uma igreja.

Mais tarde, meu amigo me contou que ia servir ao Senhor por dois anos, noutro país. Pensei que ele ia ser pastor. Após sua partida, fiquei imaginando como seria a

igreja que freqüentava, e comecei a procurar o local onde se reuniam.

Poucos meses depois, descobri não só isso, mas muito mais. Quando atravessei as portas da capela senti algo impossível de ser descrito; era alegria, paz, conforto, certeza e felicidade, tudo de uma vez. Foi como chegar em casa. Minhas perguntas haviam sido respondidas.

Os membros da igreja me receberam de braços abertos. No início relutei em aceitar uma recepção tão cordial, porque me pareceu um tanto exagerada. Não estava acostumada com tanta gente. Quer me conhecessem ou não, todos me cumprimentavam. No final da reunião, um sentimento cálido penetrou-me a alma e ouvi estas palavras em minha mente: “Debbie, este é o local, e este é o povo que você estava procurando.”

Olhando para trás, vejo que minha vida na favela foi difícil, e que uma pessoa poderia torná-la mais difícil ainda, fazendo escolhas erradas. Eram poucas as oportunidades de progresso, mas eu desejava algo que me desse um motivo para viver. Quando me pareceu a oportunidade de sair de lá com parte de minha família, decidi que era o que eu esperava.

Muitas das moças com as quais cresci nunca abandonaram a favela. Eu mesma nunca teria conseguido fazê-lo, se não tivesse seguido os desejos de meu coração e confiado na orientação do Pai Celestial. Fui abençoada com a possibilidade de sair de lá, ser batizada como membro desta Igreja, receber uma educação e cumprir uma missão. Sei que o Pai Celestial nos ama a todos e que conhece as circunstâncias nas quais vivemos, seja onde for que estejamos. Ele deseja, acima de tudo, que encontremos a verdadeira felicidade. □



***Pescadores de Homens***

Entre mais de oitocentas obras a darem entrada no Segundo Concurso Internacional de Arte patrocinado pelo Museu de História e Arte da Igreja, esta pintura a óleo, retratando os missionários santos dos últimos dias, é uma criação de Mary Wright, Brisbane, Austrália. Vide "Temas das Escrituras", página 36.



**T**udo quanto pedirdes ao Pai, em meu nome, se pedirdes o que é direito e com fé, eis que recebereis.

“Rogai no seio de vossa família ao Pai, sempre em meu nome, a fim de que vossas esposas e filhos possam ser abençoados” (3 Néfi, 18:20-21). Vide “Como Orar”, página 31.